

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**APOIO TUTORIAL NO ENSINO SECUNDÁRIO**  
**ESTUDO EXPLORATÓRIO DA PERSPECTIVA DOS ALUNOS**

**Vera Sofia Tavares Velez Rato**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**  
**(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)**

**2013**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**APOIO TUTORIAL NO ENSINO SECUNDÁRIO**  
**ESTUDO EXPLORATÓRIO DA PERSPECTIVA DOS ALUNOS**

**Vera Sofia Tavares Velez Rato**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)**

**Dissertação orientada pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Margarida Veiga Simão**

**2013**

## **RESUMO**

O presente estudo consiste numa investigação exploratória, de natureza qualitativa, na qual se pretende identificar através da percepção dos alunos: a) factores que influenciam a adesão e permanência dos alunos no Apoio Tutorial, b) factores que influenciam o sucesso do Apoio Tutorial e c) o impacto do Apoio Tutorial na mudança das atitudes dos alunos. O estudo incidiu sobre um Projecto de Apoio Tutorial específico, desenvolvido numa escola secundária e nele participaram 6 alunos do género masculino e 4 alunos do género feminino, propostos para Apoio Tutorial durante o ano lectivo de 2012/2013. Todos os participantes eram estudantes do ensino secundário, entre os 15 e os 18 anos. Os dados foram recolhidos através de entrevistas semi-estruturadas aos alunos, em três momentos distintos do Apoio Tutorial (fase inicial, intermédia e final), posteriormente analisados, tendo em consideração os dados da análise documental do Projecto. Os resultados obtidos revelam que os alunos percebem que o Apoio Tutorial teve um impacto positivo nos resultados escolares, organização e métodos de estudo. Relativamente à adesão, permanência e sucesso do Apoio Tutorial, os alunos identificaram factores que podem ser agrupados em três categorias: organização e práticas do Apoio Tutorial (ex. horário, congruência) os próprios alunos (ex. motivação escolar, crenças de auto-eficácia, locus de controlo, estilos de atribuição de causalidade) e a relação tutor-aluno (ex. interesse, disponibilidade, confiança, empatia). Os resultados permitiram identificar alguns dos factores influentes no processo de Apoio Tutorial e, consequentemente, delinear algumas considerações e guias de acção que se crêem poderem contribuir para a eficácia e sucesso deste tipo de programas.

**Conceitos-chave:** Tutoria, Tutor, Ensino Secundário, Adolescência.

## **ABSTRACT**

This study is an exploratory, qualitative research, aiming to identify through student perception: a) factors influencing student engagement in Tutoring, b) factors that influence Tutoring process success and c) the impact of Tutoring on changing students attitudes. The study focused on a specific Tutoring Project, developed in secondary level school. In this study participated six male and four female students, proposed for Tutoring during the academic year 2012/2013. All students, ages 15 to 18, are in the secondary level. Data was collected through semi-structured student interviews at three distinct moments of the Tutoring process (initial, intermediate and final) and then analyzed taking into account data from Tutoring Project documentation. Results show that students perceived Tutoring had a positive impact on their school results, organization and study methods. Regarding engagement and the Tutoring process success, students identified factors, which can be arranged into three categories: organization and practices of the Tutoring Project (e.g. schedule and congruence), the students themselves (e.g. academic motivation, self-efficacy beliefs, locus of control, styles of causal attribution), and tutor-student relationship (e.g. interest, availability, trust, empathy). The results showed some of the influencing factors in Tutoring and outline some considerations and guidelines for action that are believed to contribute to the effectiveness and success of Tutoring.

**Key words:** Tutoring, Tutors, School-Based Mentoring, Adolescence.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	9
<b>I. APOIO TUTORIAL EM CONTEXTO ESCOLAR</b>	11
1. Conceito de Tutoria	11
2. Definição, Funções e Perfil dos Tutores	13
3. Organização do Apoio Tutorial	17
4. Programas de Apoio Mentorial	20
4.1. Impacto e Resultados dos Programas de Mentoria	20
4.2. Factores Moderadores dos Programas de Mentoria	23
4.3. Modelo de Desenvolvimento das Relações Mentoriais	25
5. Estudos Portugueses no âmbito do Apoio Tutorial	27
6. Enquadramento Legal do Apoio Tutorial no contexto Português	31
<b>II. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO</b>	33
1. Caracterização do Projecto de Apoio Tutorial	33
2. Questões de Investigação e Opção Metodológica	37
3. Caracterização dos Participantes	38

4. Metodologia de Recolha dos Dados	40
5. Metodologia de Análise dos Dados	42
<b>III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	44
1. Congruência do Apoio Tutorial	44
2. Percepção e Satisfação dos Alunos relativamente ao Apoio Tutorial	50
3. Caracterização do Tutor e da Relação Tutor-Aluno	54
4. Factores de Sucesso e Insucesso do Apoio Tutorial	58
<b>CONCLUSÕES</b>	64
Limitações do Estudo e Propostas de Investigação Futura	70
Contributos para o Projecto de Apoio Tutorial	72
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	75

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Evolução do Projecto de Apoio Tutorial	35
Quadro 2 – Caracterização dos Participantes	38
Quadro 3 – Sinalização dos Alunos para o Apoio Tutorial	39
Quadro 4 – Relação Alunos / Entrevistas Realizadas	42
Quadro 5 – Congruência do Apoio Tutorial no Grupo 1	45
Quadro 6 – Congruência do Apoio Tutorial nos Grupos 2 e 3	46
Quadro 7 – Percepção e Satisfação com o Apoio Tutorial no Grupo 1	50
Quadro 8 – Percepção e Satisfação com o Apoio Tutorial no Grupo 2	51
Quadro 9 – Caracterização do Tutor e da Relação Tutor-Aluno no Grupo 1	54
Quadro 10 – Caracterização do Tutor e da Relação Tutor-Aluno no Grupo 2	55
Quadro 11 – Factores de Sucesso e de Insucesso do Apoio Tutorial no Grupo 1	58
Quadro 12 – Factores de Sucesso e de Insucesso do Apoio Tutorial nos Grupos 2 e 3	59

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

Figura 1 – Modelo de Desenvolvimento das Relações Mentoriais	26
Figura 2 – Síntese Esquemática dos Resultados do Estudo	70

## **ÍNDICE DE ANEXOS**

Anexo I – Guião da Entrevista Inicial	81
Anexo II – Guião da Entrevista Intermédia	84
Anexo III – Guião da Entrevista Final	86
Anexo IV - Quadro Comparativo das Entrevistas	89
Anexo V – Análise de Conteúdo das Entrevistas: Categorização	91



## INTRODUÇÃO

A Tutoria constituiu uma prática comum em civilizações tão antigas como a civilização grega ou romana, sendo mesmo passível de identificação em períodos históricos anteriores, como uma forma privilegiada de transmissão de conhecimentos de índole diversa (Semião, 2009).

Embora se tenha mantido até aos dias de hoje, a sua frequência, o modo como tem sido implementada e os domínios/contextos passíveis da sua aplicação tem diferido ao longo dos diferentes períodos históricos. À medida que o ensino formal se foi tornando mais acessível a diferentes classes sociais, as práticas de tutoria foram inicialmente decrescendo, como consequência da massificação do ensino. Contudo, numa fase posterior, precisamente como forma de responder à multiplicidade e heterogeneidade derivada da progressiva generalização da escolaridade obrigatória verificou-se um aumento no recurso a práticas de tutoria, constituindo-se estas, actualmente, como uma forma privilegiada de atender e responder à diversidade cultural, social e cognitiva existente nas nossas escolas (Baudrit, 2009a; Semião, 2009).

Em Portugal, actualmente, a tutoria é uma prática comum em muitas escolas de ensino básico e secundário, assim como, em instituições de ensino superior. Contudo, essas práticas tem surgido e sido organizadas como forma de responder às necessidades específicas de cada escola e instituição, sendo no entanto escassa a sua investigação e divulgação científica (Veiga Simão, Flores, Fernandes & Figueira, 2008).

O interesse por esta investigação surgiu assim, não só pela referida escassez de investigações portuguesas relativamente ao tema, mas também, devido à participação da investigadora num Projecto de Apoio Tutorial, numa escola de ensino secundário, ao longo de 4 anos lectivos. Durante este período verificou-se que dos alunos propostos para este tipo de apoio uma percentagem significativa recusa-o à partida e uma percentagem elevada de alunos que adere ao Apoio Tutorial não o frequenta com regularidade. No entanto, para os alunos que aderem ao Apoio Tutorial com regularidade este assume elevada relevância e importância em aspectos como o sucesso escolar e bem-estar, constituindo-se por vezes, como um importante factor na prevenção do abandono escolar.

A estes aspectos acresce a inexistência, no Projecto de Apoio Tutorial em causa, de um sistema de avaliação da percepção dos alunos relativamente ao mesmo e que permita identificar os seus benefícios e factores influentes na adesão e permanência dos alunos, permanecendo o desconhecimento dos factores que contribuem para as situações de sucesso e de insucesso do Apoio Tutorial.

Assim sendo, a presente investigação pretende contribuir para a melhoria da eficácia do Projecto de Apoio Tutorial, procurando responder às seguintes questões de investigação:

- 1) Na perspectiva dos alunos quais os factores que influenciam a adesão e permanência dos alunos no Apoio Tutorial?
- 2) Na perspectiva dos alunos quais os factores que influenciam o sucesso/insucesso do Apoio Tutorial?
- 3) Na perspectiva dos alunos quais são os efeitos do Apoio Tutorial na mudança das suas atitudes (em relação a aspectos escolares, pessoais, de relação, etc.)?

Para tal, definiram-se os seguintes objectivos de investigação: a) identificar as expectativas iniciais dos alunos relativamente ao Apoio Tutorial e explorar a sua influência na adesão e permanência no apoio, b) identificar alterações, ao longo do tempo, na concepção dos alunos sobre o Apoio Tutorial, c) identificar características da relação tutor-aluno e explorar a sua influência na adesão e permanência dos alunos no Apoio Tutorial, d) identificar o que os alunos esperam inicialmente receber do Apoio Tutorial e o que consideram que efectivamente receberam no final.

Com esta investigação procura-se assim, como anteriormente referido, contribuir para a eficácia do Projecto de Apoio Tutorial antecipando-se que os dados recolhidos permitam contribuir para a formação dos tutores (características do tutor, formas mais eficazes de estabelecer e desenvolver relações positivas e significativas com os alunos, actividades a realizar, etc.), assim como, para a definição de directrizes relativas à organização, funcionamento e práticas do Projecto de Apoio Tutorial.

## **I. APOIO TUTORIAL EM CONTEXTO ESCOLAR**

### **1. *Conceito de Tutoria***

A tutoria é uma prática bastante antiga que assumiu elevado relevo na Antiguidade Clássica (civilizações grega e romana). Embora nunca tenha desaparecido por completo verificou-se uma diminuição na sua utilização à medida que se assistia a uma maior acessibilidade, massificação e democratização do ensino. No entanto, na segunda metade do Séc. XX verificou-se uma revitalização da sua utilização, nomeadamente nos Estados Unidos da América, como resposta à heterogeneidade e diversidade da população escolar, geradora da necessidade de alguma individualização no ensino (Baudrit, 2009a; Semião, 2009).

Efectivamente, tal como Arnaiz e Isús (1998, p.16) afirmam “educar é ajudar o individuo a crescer numa sociedade que o aceita e facilita a aquisição dos meios para que ele se desenvolva adequadamente... a escola ajudará a desenvolver e promover as capacidades, habilidades e possibilidades dos alunos tratando adequadamente as diferenças individuais”. Bernet, Cuxart, Garcia, Rovira e Serrano (2003, p.19) realçam também que “a diferença é uma realidade escolar e trabalhar com a diferença mediante uma pedagogia diversificada é uma finalidade educativa... é uma tarefa que se leva a cabo com intenção de oferecer a todos os alunos uma experiência educativa análoga que evite a discriminação, contribua para reduzir as diferenças sociais e impulse a integração social, sendo este o marco em que se desenvolve a acção tutorial”.

No entanto, definir o conceito de tutoria não é tarefa fácil devido à amplitude dos seus campos de aplicação e aos diversos modelos através dos quais pode ser implementada. Efectivamente, tal como Veiga Simão e Flores (2008) constataram na análise de alguns projectos e práticas de tutoria em Instituições Portuguesas do Ensino Superior, existem formas de operacionalização muito diversificadas resultantes do facto de os diversos projectos terem sido construídos na prática concreta de cada instituição, de acordo com as características dos alunos e do contexto em que a formação se desenvolve.

Segundo Mundina, Pombo e Ruiz (2007) é possível distinguir 8 dimensões na acção tutorial: a) dimensão tutorial legal ou administrativa (prescrita na legislação), b) dimensão tutorial docente ou curricular (respeitante ao conteúdo e ao programa das unidades curriculares), c) dimensão tutorial académica ou formativa (ajuda que se proporciona ao aluno para que este possa desenvolver com êxito a vida académica, promovendo a autonomia na aprendizagem), d) dimensão tutorial personalizada (relativa ao âmbito pessoal – apoio em situações de dificuldades particulares e aconselhamento para promover o desenvolvimento formativo dos alunos – e ao futuro profissional – ajuda na configuração do itinerário curricular e informação sobre as saídas profissionais), e) dimensão tutorial em período de práticas (típica no ensino de medicina, enfermagem, etc.), f) dimensão da tutoria à distância (própria do ensino não presencial), g) dimensão da tutoria como atenção à diversidade (dirigida a alunos com diferentes problemáticas, como consequência das suas características pessoais, dos fenómenos sociais, económicos e de carácter cultural, próprios do nosso tempo) e h) dimensão da tutoria entre pares/iguais (frequentemente referida como “*peer tutoring*” por o tutor ser um elemento do grupo de pares do tutorado).

Apesar desta diversidade, em contexto educativo, as diferentes concepções de tutoria apresentam as seguintes características em comum: a) é uma acção de orientação que visa promover e facilitar o desenvolvimento integral dos alunos, nas suas dimensões intelectual, afectiva, pessoal e social, b) é uma tarefa docente que personaliza a educação mediante um acompanhamento individualizado, que facilita aos estudantes a construção e o amadurecimento dos seus conhecimentos e atitudes, ajudando-os na planificação e no desenvolvimento do itinerário académico e c) é uma acção que permite a integração activa e a preparação do estudante na instituição, canalizando e dinamizando as suas relações com os diferentes serviços (administrativos, docentes, organizativos, etc.), garantindo o uso adequado e a rendibilidade dos diferentes recursos que a instituição proporciona (Carrasco, Embuena & Lapeña Pérez, 2005, citados por Veiga Simão, Flores, Fernandes & Figueira, 2008).

## 2. Definição, Funções e Perfil dos Tutores

Apesar de tal como sucede com a definição de tutoria não ser possível encontrar uma definição única e universal de tutor, na sua origem etimológica *tutor* deriva do verbo latino *tueiri*, que significa proteger, ter cuidado com..., assim sendo, “um tutor é alguém que é encarregado de tomar conta de outra pessoa, de velar por ela e de a ajudar, se for preciso, a superar dificuldades” (Baudrit, 2009a, p.11).

No que refere à tutoria escolar esta adquire elevada pertinência quando se tem em consideração que “a educação não tem como único objectivo a aquisição de conhecimentos próprios de cada uma das disciplinas do currículo... a educação também é formação pessoal, aprender a conviver, desenvolver um espírito crítico e de sentido de cidadania responsável.” (Bernet, Cuxart, Garcia, Rovira & Serrano 2003, p.11). Fernández (citado por Manzano & Pérez, 1997) sintetiza esta ideia em duas funções principais da escola: a) preparar intelectualmente os alunos, com instrumentos mínimos de conhecimento e análise, para o mundo da cultura moderna e b) potenciar uma série de atitudes e valores que permitam ao aluno comportar-se socialmente com maturidade, autocontrolo e autonomia pessoal. Nesta perspectiva, a tutoria pode ser considerada como uma actividade inerente à função do professor (Lázaro & Asensi, 1987, citado por Manzano & Pérez, 1997), surgindo a figura do tutor como o agente principal responsável por velar pela formação integral dos alunos que tem a seu cargo (Bernet, Cuxart, Garcia, Rovira & Serrano, 2003).

Ainda nesta linha, Campos (1994, p.21) defende que tutor é “o professor encarregue do desenvolvimento, maturação, orientação e aprendizagem de um grupo de alunos colocados ao seu cuidado, conhece e tem em conta o meio escolar, familiar e ambiental em que vivem e procura promover nesses alunos um desenvolvimento integral”. De forma análoga, Sánchez (1988) defende que o tutor é responsável pela formação integral do aluno, incluindo a sua formação como pessoa, devendo assim, não só orientá-lo em todos os campos da sua formação, como trabalhar em estreita colaboração com todas as pessoas que estão directamente implicadas na sua educação e vida escolar, contribuindo para a criação de um ambiente adequado ao seu desenvolvimento e prevenindo possíveis desajustes.

Partindo das definições de tutor apresentadas anteriormente, vários autores (Arnaiz & Isús, 1998; Campos, 1994; Manzano & Pérez, 1997; Sánchez, 1988) apresentam as funções do tutor agrupadas em funções relativas ao aluno, à família do aluno e à instituição escolar.

Relativamente ao aluno Sánchez (1988) realça como funções do tutor: conhecer os problemas e situação de cada aluno; atender especialmente aos problemas relacionados com falta de motivação para estudar, dificuldades de relação e integração, crises normativas, problemáticas familiares, etc.; diagnosticar e seguir, em colaboração com técnicos especializados, os alunos com problemas emocionais e de aprendizagem; orientar relativamente a escolhas profissionais; orientar relativamente à organização do estudo e a técnicas de trabalho individual. Manzano e Pérez (1997), por seu lado referem: fomentar e facilitar a integração dos alunos na turma e na escola; contribuir para a individualização e personalização dos processos de ensino e aprendizagem; acompanhar o processo de aprendizagem do aluno (colaborar na detecção de dificuldades de aprendizagem, de necessidades educativas especiais e na elaboração de respostas educativas pertinentes, em conjunto com outros elementos e estruturas da escola); coordenar o processo de avaliação do aluno, auxiliar e orientar os alunos nas transições de ciclos; favorecer e apoiar os processos de maturação e orientação educativa, vocacional e profissional; fomentar o desenvolvimento de atitudes participativas na escola e no seu meio sociocultural.

No que respeita à família do aluno Sánchez (1988) considera que são funções do tutor: orientar os pais sobre a fase de desenvolvimento em que o aluno se encontra e sobre formas de abordar os possíveis problemas; promover a relação dos pais com o aluno através da proposta de actividades conjuntas que favoreçam a relação e o diálogo familiar; informar periodicamente das evoluções do aluno; fomentar a participação dos pais na vida da escola; informar os pais sobre organização, normas e decisões da escola; informar a família sobre a situação académica do aluno e orientar sobre possíveis opções futuras; informar sobre faltas, incidentes, punições; pedir informação sobre o aluno com o fim de o conhecer melhor, as suas circunstâncias e poder orientá-lo. Manzano e Pérez (1997) referem: fomentar e contribuir para o estabelecimento de relações adequadas facilitadoras da comunicação escola-família; implicar os pais nas tarefas de apoio à aprendizagem e orientação dos seus filhos (conhecerem e participarem na escola); informar, apoiar e orientar os pais em todos os assuntos que afectem a educação dos seus filhos.

Por fim, relativamente à instituição escolar Sánchez (1988) refere a importância de o tutor: participar na elaboração dos objectivos educativos da escola; colaborar com os professores para a adequação ao aluno dos objectivos do curso e avaliar a sua realização; participar em reuniões da equipa de tutorias para programação e avaliação das actividades; manter contactos periódicos com outros técnicos que acompanhem o aluno, sobretudo quando apoia alunos problemáticos; colaborar com a escola nas actividades conjuntas, contribuindo para criar um clima adequado ao desenvolvimento dos alunos. Manzano e Pérez (1997), por seu lado, referem: possibilitar o desenvolvimento de linhas de acção adequadas ao projecto educativo da escola; colaborar com os restantes professores no conhecimento, adequações de estratégias de ensino-aprendizagem e avaliação dos alunos tutorados.

Campos (1994) apresenta uma categorização bastante semelhante definindo-os contudo como campo psicossocial (campo em que o tutor se confronta com a situação de cada aluno, com o seu mundo interno, o seu meio social e familiar, as suas raízes, motivações para querer aprender ou não, as suas relações com os companheiros, os pais, etc.), campo institucional (tem que ter em conta a linha educativa da escola onde se desenrola a sua actividade e como é vivida a instituição pelos alunos) e campo comunitário (tendo em consideração as normas de conduta transmitidas através da família, grupo de pares, meios de comunicação, a escola, etc.).

Arnaiz e Isús (1998) referem que os tutores tem como funções promover o auto-conhecimento e a aceitação de si próprio, o processo de socialização dos alunos, a aprendizagem de realização de escolhas escolares/profissionais, o respeito pela diversidade humana e incentivar a participação e integração do aluno na escola. Relativamente à família deverão promover a comunicação entre os pais e a escola, favorecendo a relação pais-filhos-escola e relativamente à instituição, através da colaboração com restantes professores, deverão contribuir para um maior conhecimento dos alunos e o para o reforço do processo de ensino-aprendizagem.

No entanto, como Baudrit (2009b, p.14) refere “não basta associar parceiros dispostos a trabalhar em conjunto, preparados para colaborar e se ouvirem, para, sistematicamente, surgirem efeitos benéficos... sendo necessárias condições bastante especiais, tarefas e actores bem escolhidos, para que os benefícios da tutoria se manifestem”.

Seguindo esta mesma linha de pensamento, Campos (1994) refere serem características essenciais do tutor a comunicação (é essencial que o tutor consiga

comunicar com o aluno, sendo esta tarefa dificultada pelo facto de os adolescentes possuírem um “vocabulário próprio” com o qual o tutor terá de se familiarizar) e a empatia (esforço para conseguir uma compreensão máxima do adolescente, do seu mundo e dos seus problemas, através do ponto de vista do aluno; além de abertura e compreensão, implica uma atitude de benevolência e de afecto para com o aluno e requer muita flexibilidade, disciplina, reflexão, esforço de compreensão e capacidade de renúncia).

Arnaiz e Isús (1998) referem que os alunos esperam dos seus tutores as seguintes atitudes: empatia para estabelecer um contacto entre as diferentes visões da situação; autenticidade no trato incluindo a manifestação de sentimentos sem artifícios nem atitudes paternalistas; competência para ajudar a resolver os problemas proporcionando estratégias de solução, sem impor nenhuma; respeito relativamente a aspectos mais pessoais ou de relação que não se deseja comunicar nesse momento; obter informação do tutor sobre os temas que estão a ser tratados; segurança em si mesmo e na maneira de analisar o problema; coerência entre o que expressa e o modo como se comporta; confiança nas possibilidades de resolução e nas decisões que o aluno toma. As autoras realçam ainda que, por vezes, pode acontecer que o aluno não deseje a ajuda do tutor. Quando assim é, recomendam que se respeite a liberdade do aluno, podendo-se actuar apenas ao nível de aspectos mais superficiais, sem se pretender aceder a informações mais profundas, ou seja, respeitar-se a privacidade de aspectos mais pessoais e incidir sobre aspectos mais técnicos e académicos.

De forma análoga, Bernet, Cuxart, Garcia, Rovira e Serrano (2003) recomendam que nas entrevistas individuais, quer com as famílias, quer com os alunos, o tutor evite fazer demasiadas perguntas, querer controlar a situação, manifestar pressa e/ou preocupação, emitir juízos de valor sobre as opiniões dos alunos ou famílias, forçar temas que gerem tensão na pessoa entrevistada, exagerar o protocolo e ter maneiras muito exageradas, fazer alardes de autoridade e situar-se no papel de especialista. Pelo contrário, recomendam que se crie um clima em que o aluno e a família se sintam cómodos, seja receptivo aos temas que o aluno e a família pareçam mais predispostos a falar, pôr-se no lugar do entrevistado, oferecer-se para colaborar no que a família ou o aluno considerarem necessário, acabar bem as entrevistas (que o entrevistado saia satisfeito do encontro porque se sentiu respeitado e valorizado).



Veiga Simão e Flores (2008) numa análise de alguns programas de tutoria implementados em Instituições Portuguesas do Ensino Superior concluem que as competências essenciais dos tutores podem ser agrupadas em três domínios: a) Saber (conhecimentos prévios sobre o trabalho de tutoria - finalidades, objectivos, tarefas, dimensões, monitorização, etc.) b) Ser (disponibilidade para estabelecer relações interpessoais, competências de comunicação, organizado, flexível, perseverante, paciente) e c) Saber-Fazer (saber escutar, saber comunicar, saber identificar necessidades e respectivas respostas, saber negociar mantendo a coerência, saber gerir conflitos).

De forma semelhante, Manzano e Pérez (1997) agrupam as características essenciais do tutor nos domínios: a) Ser (compreensivo; com mentalidade aberta e capaz de se sintonizar com a idade dos alunos no que se refere aos seus interesses e atitudes; flexível; bom observador dos progressos e dificuldades dos alunos; firme; confiável fazendo-se merecedor da confiança dos alunos sem se intrometer nas suas vidas; amável; hábil a sugerir e não a impor; assertivo e seguro de si mesmo, sem ser agressivo nem passivo) e b) Saber (transmitir afecto sem ser hiper-protector; exercer a autoridade no momento adequado, contudo, sem actuar autoritariamente; ajudar o aluno no maior número possível de áreas da sua vida; motivar e cativar o aluno sem criar ansiedade; educar, formar e informar, ou seja, ajudar a aprender; exigir sem ter de castigar; prestar atenção nos momentos adequados, não esquecendo que a atenção é um reforço positivo que contribui para a manutenção de comportamentos tanto adequados como inadequados; conhecer as contradições e inseguranças de cada idade; elogiar e valorizar, mas sem bajular).

### **3. Organização do Apoio Tutorial**

A forma como um programa particular de apoio tutorial é implementado pode variar consideravelmente. Pode assumir um carácter facultativo ou obrigatório, com horário fixo ou variável, realizado individualmente com o aluno, com um grupo de alunos ou num formato misto das duas situações, etc.

No entanto, qualquer programa de apoio tutorial deve contemplar pelo menos três etapas: diagnóstico, desenvolvimento e avaliação (Fernández, 1988).

Na primeira etapa, o diagnóstico, trata-se de conhecer o aluno, para em função desse conhecimento, determinar os objectivos a alcançar e as actividades a realizar.

A segunda etapa, o desenvolvimento, consiste na realização das actividades planificadas, as quais devem ser sempre acompanhadas de reflexão. No ensino secundário assumem especial relevância as actividades que pretendam promover hábitos de trabalho, técnicas de estudo, autocontrolo do próprio estudo, processos de reflexão e de tomada de decisão, desenvolvimento de competências sociais como a assertividade, auto-estima, auto-conceito, etc. (Manzano & Pérez, 1997).

Por último é importante a realização de uma avaliação conjunta com o aluno relativamente ao decorrer do apoio tutorial, objectivos alcançados, pertinência, eficácia, etc.

Bernet, Cuxart, Garcia, Rovira e Serrano (2003) propõe um Plano de Acção Tutorial, bastante semelhante ao anterior, estruturado em seis etapas: 1) detecção de necessidades (fase de recolha de informação sobre o aluno) 2) formulação de objectivos (priorizar necessidades e formular os objectivos que se desejam alcançar) 3) programação de actividades (programar acções concretas a realizar com os alunos, família e a escola em geral) 4) Difusão e aprovação da proposta (dar a conhecer o Plano de Acção Tutorial aos restantes professores do aluno) 5) implementação das actividades (implementar as actividades previstas) 6) avaliação dos resultados (avaliar periodicamente a adequação e implementação do plano definido).

Os autores realçam ainda a importância da primeira entrevista a realizar com o aluno, propondo: a preparação anterior da entrevista (pensar as questões que se querem abordar com o aluno – maneira de ser, como se sente na turma, que dificuldades sente, quais são as expectativas face ao curso, etc., e como as abordar); renunciar a conseguir grandes quantidades de informação (o objectivo principal deve ser iniciar uma relação baseada no respeito e na confiança, se o aluno se sentir cómodo essa informação poderá ser recolhida posteriormente); mostrar-se acessível (é importante que o aluno perceba a situação como diferente da habitual); incentivar o aluno a implicar-se e participar na vida da escola e transmitir confiança nas suas capacidades para realizar o curso com sucesso.

Relativamente às funções do tutor face à família do aluno, vários autores (Arnaiz, 1999; Arnaiz & Isús, 1998; Bernet, Cuxart, Garcia, Rovira & Serrano 2003; Campos, 1994; Isidro, Pérez, Sánchez & Sánchez, 1997; Manzano & Pérez, 1997; Sánchez 1988) salientam a importância da comunicação, considerando essencial a

realização de reuniões/entrevistas com a família, pelo menos na fase inicial e final do apoio tutorial.

Na fase inicial essa comunicação é importante não só para permitir um maior conhecimento inicial do aluno, como também, para promover a implicação da família no trabalho que está a ser desenvolvido.

Na fase final do apoio tutorial é importante informar relativamente ao decorrer do apoio, progressos alcançados, sugestões para o futuro... Durante a fase de desenvolvimento do apoio tutorial também se poderão e deverão realizar entrevistas, sobretudo quando são detectadas dificuldades nas relações familiares, quando os alunos apresentam problemáticas comportamentais ou se existir necessidade de colaboração da família nas actividades envolvidas no apoio tutorial, como por exemplo, necessidade de a família supervisionar o horário de estudo do aluno.

Isidro, Pérez, Sánchez e Sánchez (1997) também realçam a importância da cooperação entre a escola e a família para a qualidade da instrução e formação dos alunos, realçando a importância de existirem critérios comuns que permitam evitar dúvidas e desorientação nos alunos quando recebem mensagens contraditórias entre a família e os professores.

Em suma, como Campos (1994) refere, “trata-se de tornar operativo o principio de que a educação é uma, os educadores vários” (p.81).

No que concerne às funções do tutor face à instituição tanto Manzano e Pérez (1997), como Bernet, Cuxart, Garcia, Rovira e Serrano (2003) realçam sobretudo as vantagens de colaboração com os restantes professores do aluno e com os outros tutores para a elaboração do Plano de Acção Tutorial (definição dos objectivos e actividades a desenvolver no âmbito do apoio tutorial). Realçam ainda a necessidade de reuniões com a Direcção da Escola, por forma a que as actividades se encontrem enquadradas com as acções da escola na sua globalidade (Projecto Educativo, Projecto Curricular, Regulamento Interno, etc.).

#### **4. Programas de Apoio Mentorial**

A pesquisa de estudos científicos, realizada maioritariamente através da consulta das bases de dados de psicologia da EBSCOHOST, revelou a existência de um corpo de pesquisa crescente no âmbito dos programas de mentoria escolar, em países de origem anglo-saxónica.

Embora se verifique a existência de uma elevada diversidade de projectos de mentoria no que se refere aos campos de aplicação, objectivos, práticas e destinatários dos projectos, procurou-se sempre que possível, restringir a pesquisa aos estudos que eram desenvolvidos em meio escolar, que tinham como destinatários jovens em idade escolar, em que o mentor era um adulto e em que as relações mentorais eram individuais, envolvendo apenas um mentor e um mentorado, por se considerar que estes projectos são os que mais se aproximam do projecto alvo da presente investigação. Assim sendo, as diferenças mais significativas residem no facto de nestes projectos os mentores serem frequentemente adultos externos às escolas (não professores) e de serem projectos frequentemente promovidos por agências regionais ou nacionais, também elas exteriores à escola, responsáveis pela divulgação, selecção dos mentores e supervisão das actividades de mentoria.

Em seguida, serão apresentados os resultados mais relevantes para a presente investigação, com especial incidência nas meta-análises de DuBois, Holloway, Valentine e Cooper (2002), DuBois, Portillo, Rhodes, Silverthorn e Valentine (2011) e Wood e Mayo-Wilson (2012), devido ao seu valor actualizado, representativo e sintetizador das investigações que tem sido realizadas neste âmbito.

##### **4.1. Impacto e Resultados dos Programas de Mentoria**

Grande parte das investigações realizadas tem tido como objectivo a avaliação do impacto e dos resultados obtidos nos projectos de mentoria escolar. Contudo os resultados obtidos nem sempre tem sido consensuais.

A título de exemplo refere-se o estudo quantitativo de Slicker e Palmer (1993), no qual comparam os resultados pré e pós teste de 32 alunos que participaram num programa de mentoria com os resultados de 54 alunos que não participaram em

programas de mentoria. Ambos os grupos eram constituídos por alunos do 10ºano de escolaridade, de 2 escolas suburbanas do distrito do Texas, considerados em risco de abandono escolar, no ano lectivo de 1988/89. Os mentores eram profissionais da escola, mas não necessariamente professores e o processo de mentoria decorreu durante 6 meses. Numa primeira análise, na qual se comparam apenas todos os alunos que usufruíram de mentoria com os alunos que não usufruíram de mentoria, os resultados demonstraram que a mentoria não se revelou eficaz na redução do abandono escolar, nem na elevação do auto-conceito e dos resultados escolares. Contudo, numa análise posterior na qual se teve em consideração a avaliação dos alunos relativamente à eficácia da sua mentoria (duração da mentoria, número de encontros semanais, etc.) verificou-se que todos os alunos que referiam terem sido eficazmente mentorados obtiveram melhores resultados escolares e todos eles regressaram à escola no ano lectivo seguinte. Pelo que, o impacto e resultados dos projectos de mentoria aparentam ser fortemente dependentes da qualidade e quantidade da mentoria.

DuBois, Holloway, Valentine e Cooper (2002) realizaram uma meta-análise de 55 estudos, publicados entre 1970 e 1998, que avaliavam o impacto e os resultados de programas de mentoria com jovens. Os autores verificaram a ocorrência de benefícios significativos nos 5 domínios em estudo (emocional/psicológico, problemas de comportamento/comportamentos de risco, competência social, académico/educacional e carreira/emprego), contudo, esses benefícios eram, na generalidade, de pequena magnitude. Por outro lado, verificaram que a eficácia dos programas de mentoria aumentava significativamente quando estes se baseavam em teorias e investigações científicas, nas recomendações de boas práticas e quando existia uma forte relação entre o mentor e o jovem mentorado.

Em 2011, DuBois, Portillo, Rhodes, Silverthorn e Valentine realizaram uma nova meta-análise de estudos relativos ao impacto e aos resultados de programas de mentoria com jovens, agora incluindo 73 estudos, publicados entre 1999 e 2010. Mais uma vez, os autores verificaram a ocorrência de benefícios modestos (diferença de 9% para os jovens não mentorados) mas significativos nos domínios em estudo (comportamental, social, emocional e académico). A análise de 7 estudos que incluíam avaliações de follow-up, entre 6 meses a 4 anos após a finalização do programa, revelou que esses benefícios se prolongavam durante 1 ano ou mais.

Wood e Mayo-Wilson (2012), por seu lado, realizaram uma meta-análise de 8 estudos publicados entre 1980 e 2011, relativos a programas de apoio mentorial com jovens entre os 11 e os 18 anos, sendo os resultados analisados relativamente ao impacto do programa de mentoria nos resultados escolares, assiduidade, atitudes, comportamento e auto-estima. Na generalidade os resultados demonstram que embora se tenham verificado alguns resultados positivos, os programas de mentoria revelaram-se ineficazes nos seus objectivos, não se tendo verificado melhorias significativas em nenhuma das categorias em análise. Os autores referem contudo a existência de uma heterogeneidade bastante significativa nas categorias analisadas, considerando que esta poderá decorrer da influência de factores moderadores na eficácia dos diferentes programas, nomeadamente, a curta duração de alguns processos de mentoria.

Assim, embora se verifique alguma inconsistência nos resultados obtidos relativamente à eficácia dos programas de mentoria, o que aparenta ser defendido pela generalidade dos autores é que esta depende de alguns factores, facto este que é suportado pela elevada variabilidade de resultados encontrada em vários estudos, inclusive, nos estudos meta-analíticos anteriormente referidos.

Efectivamente, tanto Randolph e Johnson (2008) como Simões e Alarcão (2011), nas revisões de estudos científicos que realizaram referem a não existência de consenso relativamente ao impacto dos programas de mentoria, colocando-se frequentemente a hipótese de que a qualidade da relação tutor-aluno seja um dos factores de maior importância na promoção dos resultados positivos na mentoria.

Partindo deste princípio, tanto DuBois, Holloway, Valentine e Cooper (2002) como DuBois, Portillo, Rhodes, Silverthorn e Valentine (2011) incluíram nas meta-análises realizadas estudos que lhes permitissem identificar os factores moderadores do impacto, eficácia e resultados do apoio mentorial, tendo verificado que estes variam maioritariamente em função de diferenças nas práticas do apoio mentorial, assim como, nos seus participantes (mentores e jovens mentorados).

## **4.2. Factores Moderadores dos Programas de Mentoria**

### *Organização e Práticas dos Programas de Mentoria*

DuBois, Holloway, Valentine e Cooper (2002) na meta-análise anteriormente referida verificaram que os programas de mentoria obtinham melhores resultados quando incluíam prestação de formação contínua aos mentores, promoção de actividades estruturadas para os mentores e jovens mentorados, clarificação das expectativas relativamente à frequência das sessões de mentoria, apoio e envolvimento parental e monitorização sistemática da implementação do programa.

Estes autores, assim como, DuBois, Portillo, Rhodes, Silverthorn e Valentine (2011) salientam ainda a importância de os programas de mentoria serem desenvolvidos e implementados, tendo por base os resultados dos estudos científicos realizados e as respectivas implicações e recomendações resultantes, argumentando que os programas que apresentam maior congruência entre a prática e a investigação tendem a apresentar maior eficácia.

### *Características dos Mentorados*

No que se refere às características dos alunos mentorados DuBois, Holloway, Valentine e Cooper (2002) verificaram que os programas de mentoria obtinham melhores resultados com alunos provenientes de meios sociais desfavoráveis, isoladamente ou em associação a outras manifestações individuais de risco, como insucesso escolar e/ou problemas de comportamento.

De forma semelhante, DuBois, Portillo, Rhodes, Silverthorn e Valentine (2011) também verificaram que os programas de mentoria obtinham melhores resultados quando os jovens participantes apresentavam ou já tinham apresentado problemas, nomeadamente, problemas de comportamento, foram expostos a níveis significativos de risco ambiental, acrescentando ainda que se verificam melhores resultados quando os mentorados são do género feminino do que quando são do género masculino.

Pelo que os autores concluem que estes resultados sugerem que os programas de mentoria são mais eficazes quando os mentores são confrontados com níveis intermédios de desafio (ex. dificuldades moderadas nas competências ou comportamentos moderadamente disruptivos).

Salientam contudo, que estes programas não devem ser considerados substitutos dos serviços educacionais ou terapêuticos especializados, considerando contraproducente a atribuição destes papéis aos mentores, quando estes não possuem os conhecimentos necessários para lidar com eles, como sucede perante problemáticas de aprendizagem, emocionais e/ou comportamentais mais profundas.

### *Características dos Mentores e das Relações Mentoriais*

Em 2002, DuBois, Holloway, Valentine e Cooper verificaram que os programas de mentoria obtinham melhores resultados quando os mentores possuíam profissões ou experiência anterior em papéis de ajuda, assim como, quando lhes eram claramente comunicadas as expectativas relativamente à frequência com que deveriam de estar com os seus mentorados. No que se refere à associação (*matching*) mentor/mentorado os autores referem que não se verificaram diferenças ou ocorriam piores resultados quando essa associação era realizada com base na etnicidade do mentor e do mentorado.

DuBois, Portillo, Rhodes, Silverthorn e Valentine (2011) verificaram os mesmos resultados no que se refere à experiência anterior dos mentores em papéis de ajuda, acrescentando ainda, que o mesmo sucede quando existe compatibilidade entre a experiência educativa ou ocupacional do mentor e os objectivos do programa (ex. quando o programa tem objectivos educacionais e os mentores são simultaneamente professores). Os autores salientam contudo, que estes resultados não devem ser interpretados como significando que mentores sem esta experiência anterior não podem ser eficazes na prossecução dos objectivos do programa, uma vez que pode ser colmatada com a realização de formação que os prepare para assumirem esses papéis.

Os mesmos autores verificaram também que os programas de mentoria revelam-se mais eficazes quando mentor e mentorado são associados com base em interesses comuns. Referindo que este resultado encontra apoio em investigações



sugestivas de que a percepção de similaridade tende a promover relações mentorais mais longas e com maior qualidade, assim como, com investigações sobre o impacto da similaridade percebida na atracção interpessoal e nos processos de influência social.

Os autores verificaram ainda que os projectos de mentoria apresentam melhores resultados quando estruturados para apoiar os mentores em assumirem papéis de ensino, fonte de informação e aconselhamento. Estes resultados são sugestivos da importância de os mentores oferecerem orientação e preocuparem-se com o bem-estar geral dos mentorados para a eficácia dos programas de mentoria.

Por fim, os autores referem que os programas de mentoria não se configuram como particularmente eficazes quando se focam apenas no desenvolvimento de competências instrumentais ou específicas, parecendo antes que o seu potencial reside maioritariamente nos fortes processos de influência social inerentes às relações interpessoais próximas.

Em síntese, tanto DuBois, Holloway, Valentine e Cooper (2002) como DuBois, Portillo, Rhodes, Silverthorn e Valentine (2011) identificaram vários factores aparentemente relacionados com o grau de eficácia dos diversos programas de mentoria, nomeadamente, perfil dos jovens mentorados e perfil dos tutores, considerando provável que a importância destes aspectos resida na sua implicação na relação que se irá estabelecer entre mentor e mentorado.

Seguindo esta linha de pensamento, Rodhes (2005) propôs um modelo de desenvolvimento das relações mentorais, contemplando as possíveis conexões entre alguns dos factores anteriormente referidos.

#### **4.3. Modelo de Desenvolvimento das Relações Mentorais**

Rhodes (2005), confrontado com o campo crescente de investigações que tem demonstrado efeitos positivos da mentoria, contudo, apresentando uma elevada variabilidade nesses resultados, como referido anteriormente, defende a importância de um conhecimento mais aprofundado e de um modelo que permita compreender não só a variabilidade dos resultados encontrados, mas também, “perceber porque é

que alguns jovens são tão profundamente afectados pelas relações mentorais, enquanto outros parecem beneficiar pouco ou mesmo ser prejudicados” (pág. 30).

Assumindo que as relações mentorais podem promover resultados positivos nos jovens mas que estes são dependentes da extensão em que mentor e mentorado consigam promover uma forte relação entre ambos, sendo esta, por sua vez, afectada por diversos factores, Rhodes (2005) apresentou um modelo, cuja representação esquemática se apresenta em seguida, que pretende constituir-se como um possível modelo dos diversos factores que condicionam a relação mentorial.

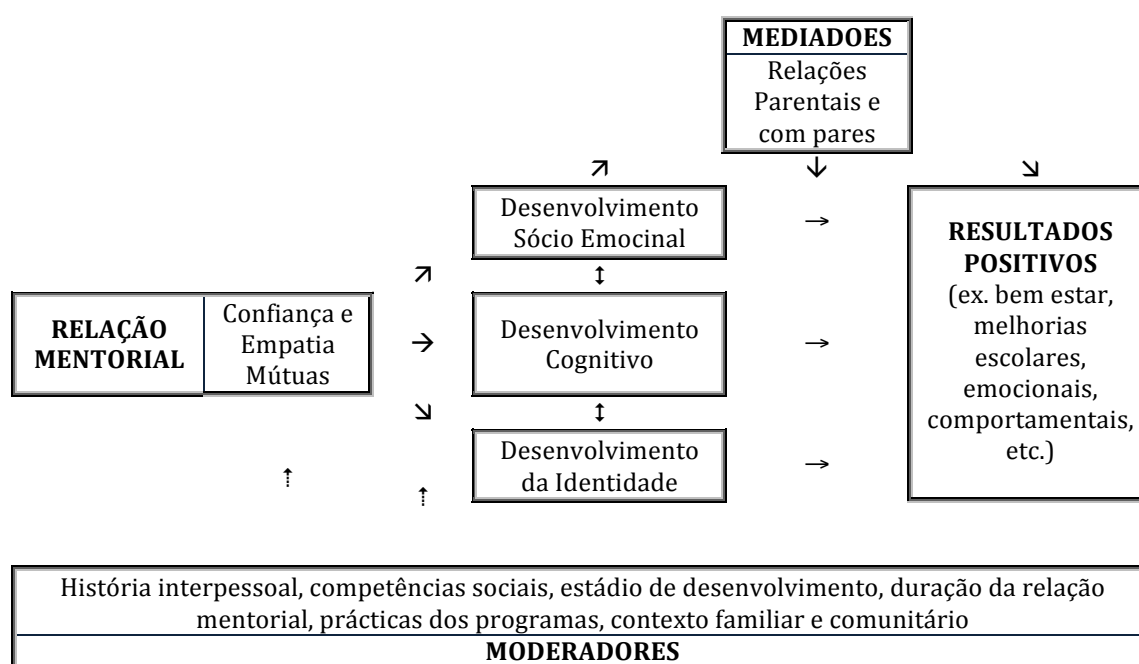


Figura 1 - Modelo de Desenvolvimento das Relações Mentorais. Adaptado de Rhodes, J.E. (2005). A model of youth mentoring. In D.L. Dubois, M.J. Karcher (Eds). *Handbook of youth mentoring* (pp. 30-43). California: Sage Publications, Inc.

De forma sintetizada, o modelo assume que as dinâmicas através das quais as relações mentorais podem promover resultados desenvolvimentistas positivos não são possíveis sem o desenvolvimento de uma relação interpessoal forte caracterizada por confiança e empatia mútuas, referindo ainda, que segundo Csikszentmihalyi e Rathunde (1998, citados por Rhodes, 2005) uma relação torna-se significativa apenas na extensão em que o jovem está activamente comprometido na relação e disposto a partilhar as seus sentimentos e auto-percepções.

Por sua vez, o desenvolvimento de uma relação de confiança e empatia mútuas, assim como, das componentes que permitem a obtenção dos resultados (componentes sócio-emocionais, cognitivas e de identidade) são condicionadas por várias influências individuais (ex. história individual, competências sociais, estágio de desenvolvimento) familiares (ex. apoio e encorajamento dos familiares relativamente à participação no programa, abertura da família a elementos exteriores) e contextuais (ex. normas e valores da comunidade em que o jovem se encontra inserido), assim como, pelas características do próprio programa de mentorado (ex. monitorização do programa, formação e apoio cedidos aos mentores, critérios de associação mentor/mentorado) e pela duração da relação mentorial.

## **5. Estudos Portugueses no âmbito do Apoio Tutorial**

Como referido na parte introdutória deste trabalho, apesar de a tutoria académica, objecto principal desta investigação, actualmente, se constituir como uma prática frequente no ensino básico, secundário e superior, nas diversas instituições de ensino portuguesas, as referências a estudos e investigações no âmbito destes projectos são bastante escassas.

A pesquisa realizada revelou a existência de alguns estudos ao nível do ensino superior, apresentando-se a título de exemplo alguns resultados de estudos realizados no âmbito do Programa de Tutorado do Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, assim como, no âmbito do apoio tutorial integrado no Projecto de Aprendizagem baseada em Projectos, implementado num curso de engenharia da Universidade do Minho.

No que se refere a estudos relativos à tutoria escolar em instituições de ensino básico e secundário portuguesas apresentar-se-á um estudo relativo a um projecto de apoio tutorial implementado numa escola de ensino básico e secundário dos Açores, assim como, estudos relativos a um programa específico de Apoio Tutorial (Metodologia Total) desenvolvido também em algumas escolas dos Açores.

O Programa de Tutorado do Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, aplicado nesta instituição há cerca de 10 anos, é desenvolvido pelos docentes da instituição, ou seja, estes assumem o papel de tutores, tendo como

funções relativas aos alunos a seu cargo: auxiliar na integração, diagnosticar potencialidades e dificuldades, orientar e esclarecer dúvidas, monitorizar o processo académico, encorajar e motivar e apoiar na orientação vocacional e profissional (Gonçalves & Lucas, 2011).

Lima e Regateiro (2011), realizaram uma avaliação do projecto, comparando os resultados escolares dos alunos integrado no projecto com alunos não integrados no projecto, entre os anos lectivos de 2002/2003 e 2006/2007, tendo verificado um impacto positivo no rendimento dos alunos, nomeadamente: menor taxa de abandono nas disciplinas (27%), maior taxa de aprovação (17%) e avaliações superiores (1,2 valores).

Por seu lado, Lucas (2001) através de questionários aplicados aos alunos e tutores, entre os anos lectivos de 2002/2003 e 2010/2011, verificou que do ponto de vista dos alunos o programa apresenta as seguintes vantagens: 1º) apoio na tomada de decisões/resolução de problemas, 2º) acompanhamento mais individualizado, 3º) planeamento dos semestres/avaliações e 4º) maior proximidade entre alunos e professores. Relativamente aos tutores também foram identificadas vantagens, nomeadamente: maior proximidade das problemáticas dos alunos; sentimento de gratificação por conseguir ajudar um aluno a resolver um problema, ou a encontrar a solução para uma situação em que se encontrava. No que se refere às dificuldades são sobretudo referidas a não comparência/adesão dos alunos, o que constitui uma enorme frustração para os tutores que sentem o seu esforço e empenho pouco valorizado, assim como, algumas dificuldades em lidar com problemas de natureza não pedagógica que os tutorandos, por vezes, apresentam aos tutores.

Relativamente ao Projecto de Aprendizagem Baseada em Projectos implementado no Curso de Mestrado Integrado de Engenharia e Gestão Industrial da Escola de Engenharia da Universidade do Minho, como anteriormente referido, contempla numa das suas vertentes o apoio tutorial. Este é igualmente desenvolvido por docentes da instituição, que se constituem como tutores e têm como funções: fornecer feedback ao grupo, apoiar o grupo na tomada de decisões, incrementar a motivação do grupo e apoiar e orientar a aprendizagem individual dos alunos (Fernandes, 2010).

Segundo Fernandes (2010) a disponibilidade tem-se revelado um factor crucial para o desempenho da função de tutor, sendo que, segundo um dos tutores é importante para os alunos saberem que há ali alguém que está disponível para eles.

Os alunos, por seu lado, consideram o apoio tutorial fundamental para o sucesso do projecto, identificando igualmente a disponibilidade do tutor como um factor essencial.

Relativamente aos alunos, Veiga Simão, Flores, Fernandes e Figueira (2008) referem ainda que estes identificam um conjunto de atitudes dos tutores, consideradas como bastante influentes no sucesso da tutoria: atitude do tutor no que respeita ao seu empenho na realização da função de tutoria (responsável, atento, preocupado, empenhado, esforçado, interessado, organizado); atitude do tutor face à resolução de problemas no grupo (sinceridade, frontalidade, imparcialidade, justiça, equidade, postura crítica, respeito pelos outros) e relacionamento interpessoal entre tutor/aluno (amigo, simpático, prestável, comunicativo, paciente, compreensivo, extrovertido, descontraído, dinâmico).

No que se refere aos tutores, estes apresentam na generalidade uma percepção bastante positiva da tutoria referindo como principais aspectos positivos a relação de proximidade com os alunos e uma melhor compreensão das suas principais motivações, interesses e problemas. Foram no entanto identificadas algumas dificuldades nomeadamente: a falta de experiência e a incerteza relativamente aos procedimentos a adoptar com o grupo, a falta de formação específica em tutoria de equipas, assim como a inexistência de reconhecimento institucional desta função, a que se aliam outros constrangimentos como a falta de apoio, o volume de trabalho, os horários sobrecarregados, a gestão do tempo, por vezes difícil, etc.

Semião (2009) realizou um estudo exploratório e descritivo, no qual pretendeu, através da percepção dos alunos (dados recolhidos através de questionários) caracterizar um projecto de apoio tutorial em curso numa escola de ensino básico e secundário dos Açores. Os participantes foram os 30 alunos (27 alunos do 3ºciclo e 3 alunos do ensino secundário) que no ano lectivo de 2007/2008 frequentavam o apoio tutorial há cerca de 1 ano ou menos.

Dos dados recolhidos aqueles que se consideram como mais significativos para os objectivos da presente investigação são: 1) as actividades desenvolvidas eram na sua maioria académicas (aprender a estudar, realizar actividades de preparação

para os testes e de reflexão sobre as classificações obtidas), surgindo posteriormente as actividades de integração (análise do comportamento e consequente reflexão sobre formas de o melhorar) e as de desenvolvimento pessoal (actividades de motivação, de desenvolvimento da auto-estima e da confiança, bem como da capacidade de tomar decisões em relação ao futuro); 2) a maioria dos tutorandos estavam satisfeitos com as actividades realizadas; 3) relativamente ao impacto da tutoria os alunos referiram ter melhorado nas 3 áreas consideradas (académica, integração e desenvolvimento pessoal), verificando-se contudo, uma predominância da componente académica sobre a componente pessoal e de integração; 4) as características dos professores tutores foram avaliadas em duas dimensões: académica e desenvolvimento pessoal, tendo-se verificado que a maioria dos alunos atribuiu maior importância às características essencialmente viradas para a componente académica, embora, reconhecendo também a importância do professor tutor para o seu desenvolvimento pessoal.

No que se refere à Metodologia Total, desenvolvida em escolas dos Açores, Simões e Alarcão (2012) realizaram um estudo quantitativo, no qual compararam os resultados pré e pós teste de 257 alunos que participantes no programa com os resultados de 241 alunos não participantes no programa. Ambos os grupos eram constituídos por alunos do 2º e 3º ciclos de escolaridade, com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos, considerados em situação de risco comportamental e de insucesso escolar. Os dados foram recolhidos no final dos anos lectivos 2009/2010 e 2010/2011 e revelaram uma diferença estatisticamente significativa no que se refere à evolução dos resultados escolares na sua generalidade e, especificamente, nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa, entre os alunos que participaram na Metodologia Total e os alunos que não participaram. De salientar, que os autores consideram que o impacto desta metodologia, poderá em parte, dever-se ao perfil do tutor, nomeadamente, ao facto de estes serem simultaneamente professores e tutores do aluno, contrariamente ao que sucede na maioria dos programas de mentoria anglo-saxónicos onde os tutores frequentemente são cidadãos da comunidade, exteriores à escola.

## **6. Enquadramento Legal da Tutoria Escolar no Contexto Português**

A análise da legislação existente relativa à Tutoria Escolar, ao nível do ensino básico e secundário, permitiu constatar que esta, além de escassa, apresenta um carácter bastante vago.

A referência mais antiga foi encontrada no Despacho nº 178A/ME/93, de 30 de Julho, que ao enunciar um conjunto de modalidades e estratégias de apoio pedagógico aos alunos refere a possibilidade de aplicação de programas de tutoria para apoio a estratégias de estudo, orientação e aconselhamento ao aluno, contudo, nada mais acrescenta.

Posteriormente, o Decreto-Lei A115/98, de 4 de Maio, no artigo 36º, ponto 4, estipula que no âmbito do desenvolvimento contratual da sua autonomia, a escola pode designar professores tutores que acompanharão, de modo especial, o processo educativo de um grupo de alunos. Contudo, apenas em 1999, é que o Decreto Regulamentar nº 10/99, de 21 de Julho especifica um pouco mais este tipo de apoio, estabelecendo no 10º artigo que as direcções das escolas podem designar professores tutores responsáveis pelo acompanhamento, de forma individualizada, do processo educativo de um grupo de alunos, de preferência ao longo do seu percurso escolar (ponto 1). As funções de tutoria devem ser realizadas por docentes profissionalizados com experiência adequada e, de preferência, com formação especializada em orientação educativa ou em coordenação pedagógica (ponto 2). As competências dos professores tutores consistem em: a) Desenvolver medidas de apoio aos alunos, designadamente de integração na turma e na escola e de aconselhamento e orientação no estudo e nas tarefas escolares; b) Promover a articulação das actividades escolares dos alunos com outras actividades formativas; c) Desenvolver a sua actividade de forma articulada, quer com a família, quer com os serviços especializados de apoio educativo e com outras estruturas de orientação educativa (ponto 3).

Em 2004, o Ministério da Educação e o Ministério da Segurança Social e do Trabalho, numa publicação conjunta, apresentam o Plano Nacional de Prevenção do Abandono Escolar preconizando que o apoio tutorial se pode constituir como uma das ferramentas para reduzir o abandono escolar e promover o sucesso escolar. Assim, defendem que seja criada a figura do tutor escolar, um professor especializado na identificação e acompanhamento das crianças em risco, que fará a mediação com os

serviços especializados de apoio educativo (Navarro, 2004).

Posteriormente, o Decreto-Lei nº 75/2008, de 22 de Abril, ao reformular o Decreto-Lei A115/98, de 4 de Maio (Regime de Autonomia, Administração e Gestão das Escolas) continua apenas a referir que no desenvolvimento da sua autonomia, o agrupamento de escolas ou escola não agrupada pode designar professores tutores para acompanhamento em particular o processo educativo de um grupo de alunos (artigo 44º).

O Decreto-Lei nº51/2012, de 5 de Setembro apresenta como uma das possíveis medidas de recuperação escolar dos alunos a possibilidade de estes usufruírem de programas de tutoria para apoio a estratégias de estudo, orientação e aconselhamento do aluno, no âmbito dos planos de recuperação, de acompanhamento ou de desenvolvimento (artigos 2º, 3º e 5º).

Recentemente, a Lei nº 51/2012, de 5 de Setembro, no seu artigo 35º, enquadra os professores tutores nas equipas multidisciplinares, referindo apenas que estas tem como missão acompanhar em permanência os alunos, designadamente aqueles que revelem maiores dificuldades de aprendizagem, risco de abandono escolar, comportamentos de risco ou gravemente violadores dos deveres do aluno ou se encontrem na iminência de ultrapassar os limites de faltas previstos no Estatuto do Aluno.

Em síntese, verifica-se que a legislação existente é bastante vaga sobre as funções, objectivos e modos de operacionalização dos Programas de Tutoria, não fornecendo directrizes concretas para o seu desenvolvimento e implementação. Este facto, associado à escassez de investigação e estudos científicos de âmbito nacional, efectivamente faz com que as diversas instituições de ensino organizem os programas de apoio tutorial como forma de responder às suas necessidades específicas, contudo, sem que estes se fundamentem em práticas e modelos investigados, o que como DuBois, Holloway, Valentine e Cooper (2002) e DuBois, Portillo, Rhodes, Silverthorn e Valentine (2011) salientam pode condicionar negativamente os resultados obtidos, se não mesmo, ser prejudicial para alguns alunos.

Desta forma, torna-se necessário e urgente a realização de estudos e investigações de âmbito nacional, por forma a possibilitar a identificação e conhecimento dos factores conducentes a programas de apoio tutorial positivos e eficazes.



## **II. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO**

Esta investigação surgiu, por um lado, devido ao vazio encontrado quer na legislação, quer na investigação científica relativamente aos programas de tutoria escolar de âmbito nacional e, por outro lado, devido à participação da investigadora num projecto de apoio tutorial numa escola de ensino secundário, a qual ao longo do tempo foi suscitando algumas dúvidas relativamente à pertinência, utilidade e factores influentes na eficácia do Apoio Tutorial.

Assim, em seguida apresenta-se uma breve caracterização do Projecto de Apoio Tutorial, no qual a presente investigação se insere e, posteriormente, as questões e objectivos da investigação, a caracterização dos participantes, assim como, a metodologia de recolha e análise de dados adoptada.

### **1. Caracterização do Projecto de Apoio Tutorial**

O Projecto de Apoio Tutorial em estudo foi implementado como projecto experimental, numa escola do ensino secundário, no ano lectivo de 2008/2009, por iniciativa de um grupo de professoras do quadro da escola.

Face ao sucesso que se verificou no primeiro ano da sua aplicação o projecto manteve-se até a actualidade, sendo o presente ano lectivo (2012/2013), o 5º ano em que é aplicado.

O Projecto surgiu com os seguintes objectivo: a) proporcionar um acompanhamento individualizado ou em pequeno grupo, atendendo às características específicas de cada aluno e procurando soluções diferenciadas que permitam a orientação do aluno na sua vida escolar e b) contribuir para o sucesso educativo, prevenção do abandono escolar e de situações de indisciplina/inadequação de atitudes através de uma intervenção pedagógica assente no desenvolvimento de um leque diversificado de competências (afectivas, atitudinais, sociais, cognitivas).

Mais especificamente, o Projecto procurou constituir-se como uma resposta aos alunos que apresentavam: a) dificuldades de integração na turma e/ou na escola, b) dificuldades de interacção (com colegas e/ou professores), c) dificuldades de concentração, d) baixa auto-estima, e) atitude interessada, mas com contexto pessoal

e/ou social difícil f) atitude desmotivada, g) comportamento indisciplinado, h) dificuldades na organização de materiais, i) dificuldades na gestão do tempo, j) falta de hábitos e métodos de estudo e/ou k) dificuldades em metodologias de pesquisa (recolha e tratamento de informação).

Assim, verifica-se que o presente Projecto de Apoio Tutorial incide maioritariamente na dimensão académica ou formativa, segundo a categorização proposta por Mundina, Pombo e Ruiz (2007), uma vez que se trata de uma ajuda que se proporciona ao aluno para que este possa desenvolver com êxito a sua vida académica, procurando-se promover a sua autonomia na aprendizagem. Encontrando-se os seus objectivos também em linha com as características da tutoria escolar, referidas por Carrasco, Embuena e Lapeña Pérez (2005, citados por Veiga Simão, Flores, Fernandes e Figueira, 2008), nomeadamente, no que se refere à personalização da educação mediante um acompanhamento individualizado e a ser uma acção de orientação que visa promover e facilitar o desenvolvimento integral dos alunos, nas suas dimensões intelectual, afectiva, pessoal e social.

Os alunos são sinalizados para o apoio tutorial pelo Director de Turma ou pelo Conselho de Turma através do preenchimento de um documento no qual é apresentado o perfil do aluno (características e dificuldades identificadas), sendo ainda possível a apresentação de sugestões de estratégias e actividades a desenvolver com o aluno. Posteriormente, é competência do Director de Turma a entrega do documento na direcção da escola, aguardando a atribuição de professor tutor e do horário da tutoria (as sessões de tutoria tem uma periodicidade semanal e a duração de 45 minutos). Uma vez na posse destas informações deverá o Director de Turma informar o aluno e o Encarregado de Educação da atribuição do apoio tutorial, esclarecendo-os sobre a natureza do mesmo e avaliando o interesse do aluno e Encarregado de Educação por este tipo de acção educativa.

Nas situações em que o Encarregado de Educação e o aluno concordem com a frequência do apoio tutorial, o mesmo inicia-se, devendo o professor tutor: 1) Desenvolver uma relação positiva e de confiança com o aluno; 2) Proceder à avaliação do Perfil do Aluno (motivações, dificuldades, necessidades, etc.); 3) Formular conjuntamente com o aluno o Plano de Apoio Tutorial - documento no qual são registadas as dificuldades diagnosticadas, as competências a desenvolver, as

actividades a realizar e as estratégias de interacção com a comunidade educativa a utilizar, sendo dado conhecimento do mesmo ao Director de Turma e ao Encarregado de Educação; 4) Proceder à aplicação do Plano de Apoio Tutorial; 5) Realizar no final de cada período lectivo a avaliação de percurso do processo de apoio Tutorial, sendo dado conhecimento do mesmo ao Director de Turma/Concelho de turma, ao Encarregado de Educação e à Coordenação do Projecto.

Esta forma de actuação vai ao encontro das propostas de Bernet, Cuxart, Gracia, Rovira e Serrano (2003), assim como, de Fernández (1988) que salientam a importância de os programas de apoio tutorial contemplarem uma 1ª fase de diagnóstico e planificação, seguida da sua implementação e, por fim, da sua avaliação.

No que se refere à constituição da Equipa de Apoio Tutorial esta é formada por uma coordenadora, simultaneamente professora tutora e pelos professores tutores. A Equipa de Professores Tutores tem variado na sua dimensão entre 6 e 11 elementos, 5 dos quais têm desempenhado esta função ao longo de todo o percurso de implementação do projecto, existindo alguma variabilidade, de ano lectivo para ano lectivo, nos restantes elementos.

No quadro 1 apresenta-se a evolução do número de alunos sinalizados para apoio tutorial, do número de alunos que dele beneficiou e do número de professores tutores incluídos no projecto.

*Quadro 1 – Evolução do Projecto de Apoio Tutorial*

	ANOS LETIVOS				
	08/09	09/10	10/11	11/12	12/13
<b>Nº Professores Tutores</b>	11	11	8	10	9
<b>Nº Alunos Sinalizados</b>	29	31	23	27	10
<b>Nº Alunos recusaram AT</b>	10	15	6	9	2
<b>Nº Tutorias Efetivadas</b>	19	16	17	18	8
	(2P + 17)	(7P + 9)	(4P + 13)	(8P + 10)	(4P + 4)

P – Tutorias de natureza mais pontual ou de curta duração, não se prolongando até ao final do ano lectivo.

Ao longo destes anos lectivos o programa de apoio tutorial tem sido avaliado, pela coordenação do projecto, através de questionários aplicados aos alunos que permanecem no apoio tutorial e aos respectivos Directores de Turma. A avaliação por parte dos professores tutores é realizada de um modo mais informal nas reuniões da equipa, no final do ano lectivo.

Nos relatórios de avaliação elaborados verifica-se que tanto os Directores de Turma como os alunos que permanecem no Apoio Tutorial tendem a realizar uma avaliação positiva do mesmo, sendo frequente estes alunos manifestarem interesse na sua continuidade no ano lectivo seguinte. Contudo, não existe qualquer referência a avaliações por parte dos alunos que recusam ou abandonam o Apoio Tutorial, permanecendo o desconhecimento relativamente aos factores que motivam quer a adesão e permanência dos alunos, quer o sucesso/insucesso do Apoio Tutorial. Efectivamente, os professores tutores consideram que o apoio tutorial aparenta ser extremamente útil para um grupo restrito de alunos que dele beneficia regularmente, contudo, frequentemente identificam alguma dificuldade em conseguir que os alunos aceitem este tipo de apoio e o frequentem com assiduidade.

Em síntese, a avaliação realizada quer pelos tutores, quer pelos alunos que frequentam o Apoio Tutorial com assiduidade aparenta ir ao encontro das constatações de Rhodes (2005), tornando-se essencial perceber “porque é que alguns jovens são tão profundamente afectados pelas relações mentoriais, enquanto outros parecem beneficiar pouco ou mesmo ser prejudicados” (pág. 30), razão esta que se encontra no cerne da presente investigação.

## **2. Questões de Investigação e Opção Metodológica**

Como já referido, a presente investigação derivou por um lado, da incongruência existente entre as dificuldades de fidelização dos alunos ao Apoio tutorial e a importância que este assume para os alunos que dele usufruem com regularidade e, por outro lado, do vazio encontrado quer na legislação, quer na investigação científica relativamente aos programas de tutoria escolar de âmbito nacional, o que consequentemente, se traduz na ausência de linhas de acção orientadoras para a implementação eficaz de programas de Apoio tutorial.

Assim sendo, esta investigação pretende responder às seguintes questões de investigação:

- 1) Na perspectiva dos alunos quais os factores que influenciam a adesão e permanência dos alunos no apoio tutorial?
- 2) Na perspectiva dos alunos quais os factores que influenciam o sucesso/insucesso do apoio tutorial?
- 3) Na perspectiva dos alunos quais são os efeitos do apoio tutorial na mudança das suas atitudes (em relação a aspectos escolares, de relação, etc.)?

Para tal, foram definidos os seguintes objectivos de investigação: a) identificar as expectativas iniciais dos alunos relativamente ao apoio tutorial e explorar a sua influência na adesão e permanência no apoio, b) identificar alterações, ao longo do tempo, na concepção dos alunos sobre o apoio tutorial, c) identificar características da relação e do clima relacional e explorar a sua influência na adesão e permanência no apoio tutorial, d) identificar o que os alunos esperam inicialmente receber do apoio tutorial e o que consideram que receberam no final.

Face às questões e objectivos definidos optou-se pela realização de um estudo exploratório de natureza qualitativa, recorrendo-se à entrevista individual semi-estruturada como técnica privilegiada de recolha de dados, uma vez que o que se pretende investigar é a percepção dos alunos, em profundidade, relativamente à sua experiência, única e pessoal, no âmbito de um projecto específico de apoio tutorial.

Em seguida, apresenta-se a caracterização dos participantes na investigação, e posteriormente, a metodologia utilizada na recolha e análise dos dados.

### 3. Caracterização dos Participantes

Os participantes da presente investigação foram os alunos propostos para o apoio tutorial, no ano lectivo 2012/2013 (N=10), doravante designados por A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9 e A10, para protecção do seu anonimato e confidencialidade.

Como se pode constatar no quadro 2, participaram na investigação 6 alunos do género masculino e 4 alunos do género feminino, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos. A maioria dos alunos frequentava o 10ºano de escolaridade, embora 3 alunos se encontrassem a frequentar o 11ºano e 1 aluno o 12ºano de escolaridade. No que se refere a retenções em anos de escolaridade anteriores, 4 alunos nunca tiveram qualquer retenção, 3 alunos tiveram 1 retenção e 3 alunos tiveram 2 retenções ao longo do seu percurso escolar.

*Quadro 2 - Caracterização dos Participantes (N=10)*

Género		Idade				Ano de Escolaridade			Nº de Retenções em anos anteriores		
M	F	15	16	17	18	10º	11º	12º	0	1	2
6	4	2	4	3	1	6	3	1	4	3	3

Como se pode constatar no quadro 3, a maioria dos alunos foram propostos para o Apoio Tutorial, pelos seus professores, por apresentarem falta de métodos e hábitos de estudo, assim como, dificuldades na organização dos materiais e na gestão do tempo. Grande parte dos alunos apresentava também dificuldades de recolha e tratamento de informação, assim como, baixa auto-estima. Com menor frequência, os alunos propostos para Apoio Tutorial apresentavam uma atitude desmotivada, dificuldades de concentração ou uma atitude interessada mas com um contexto pessoal e/ou social difícil. É ainda de referir a situação de um aluno (A1), não familiarizado com a língua portuguesa, tendo sido encaminhado para o Apoio Tutorial para facilitação de aquisição e desenvolvimento da língua portuguesa e para facilitação da sua integração na escola e na comunidade.

*Quadro 3 - Sinalização para o Apoio Tutorial (N=10)*

	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	T
Dificuldades de concentração			x	x			x				3
Baixa auto-estima			x	x	x		x		x	x	6
Atitude interessada, contexto pessoal/social difícil						x				x	2
Atitude desmotivada			x	x	x		x				4
Dificuldade organização materiais		x	x	x	x	x		x	x		7
Dificuldades na gestão do tempo		x	x		x	x	x	x	x		7
Falta de hábitos e métodos de estudo			x	x	x	x	x	x	x	x	8
Dificuldades de recolha e tratamento de informação		x	x		x	x		x	x		6
Outros	x										

Nenhum dos alunos participantes tinha usufruído de Apoio Tutorial nas escolas que frequentaram anteriormente, contudo 3 alunos (A1, A3 e A7) já tinham frequentado o Apoio Tutorial no ano lectivo anterior, na escola onde se desenvolve o Projecto em estudo. Dois destes alunos (A1 e A7) mantiveram os tutores do ano lectivo anterior, tendo permanecido continuamente no Apoio Tutorial, à excepção dos períodos de interrupção lectiva, contudo, um dos alunos (A3) apesar de ter iniciado o Apoio Tutorial no ano lectivo anterior, não o manteve, sendo novamente referenciado no presente ano lectivo, procedendo-se à atribuição de novo tutor.

Assim, um aluno (A1) frequentou o Apoio Tutorial durante 2 anos lectivos, um aluno (A7) frequentou o Apoio Tutorial desde o ano lectivo anterior, até meio do 2º período do presente ano lectivo, altura em que o abandonou. Os alunos que iniciaram o Apoio Tutorial no presente ano lectivo e que nele permaneceram até ao final do ano lectivo frequentaram-no durante cerca de 4 meses (entre Fevereiro e Junho de 2013). Relativamente aos restantes alunos que abandonaram o Apoio Tutorial, dois dos alunos (A3 e A10) frequentaram o Apoio Tutorial apenas durante um mês, sendo que, como referido anteriormente, um dos alunos (A3) já tinha frequentado o Apoio Tutorial no ano lectivo anterior, e outro aluno (A9) frequentou o Apoio Tutorial durante cerca de dois meses.

A maioria dos alunos tinha uma sessão semanal de Apoio Tutorial, com a duração de 45 minutos e não conhecia o tutor antes de iniciar o processo de Apoio Tutorial, à excepção de dois alunos (A5 e A7) em que o tutor era professor e Director de Turma do aluno tutorado no momento em que se iniciou o processo de Apoio Tutorial.

#### **4. Metodologia de Recolha dos Dados**

Os dados foram recolhidos, após a realização da revisão de literatura e da análise documental do Projecto de Apoio Tutorial, através de entrevistas semi-estruturadas aos alunos referenciados para o apoio tutorial no ano lectivo de 2012/2013. Antecipadamente, procedeu-se à obtenção do consentimento informado dos alunos e dos respectivos encarregados de educação, quer para a realização das entrevistas, quer para o seu registo em formato áudio.

Na recolha dos dados optou-se também pela utilização de medidas repetidas, pelo que, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas em 3 momentos distintos do Apoio Tutorial.

Num 1º momento (guião da entrevista inicial – anexo I) foram realizadas entrevistas a todos os alunos referenciados para Apoio Tutorial (N=10), procurando-se avaliar as expectativas e a motivação inicial dos alunos relativamente ao Apoio Tutorial, a percepção inicial do tutor, experiências anteriores de Apoio Tutorial, assim como, factores de sucesso e de insucesso do Apoio Tutorial antecipados pelos alunos.

Num 2º momento (guião da entrevista intermédia – anexo II) foram realizadas entrevistas aos alunos que aceitaram frequentar o Apoio Tutorial (N=7), procurando-se avaliar a experiência de Apoio Tutorial até ao momento, as alterações na percepção dos alunos, as expectativas e motivação relativamente à sua continuidade, assim como, a percepção dos alunos relativamente à relação tutor-aluno.

Num 3º e último momento (guião da entrevista final – anexo III) foram realizadas entrevistas aos alunos que frequentaram o Apoio Tutorial até ao final do ano lectivo (N=4), assim como, a um aluno que abandonou o Apoio Tutorial após a realização da 2ª entrevista, para avaliar a experiência de Apoio Tutorial na sua



totalidade, as mudanças/resultados percebidos pelos alunos, alterações na percepção dos alunos relativamente a este tipo de apoio, ao tutor e à relação tutor-aluno, assim como, factores de sucesso e insucesso do Apoio Tutorial identificados pelos alunos.

As entrevistas iniciais aos alunos que aceitaram frequentar o Apoio Tutorial (N=7) foram aplicadas durante o mês de Fevereiro, altura em que cada um dos alunos já tinha realizado entre 1 e 3 sessões de Apoio Tutorial, à excepção dos dois alunos que já frequentavam o Apoio Tutorial desde o ano anterior (A1 e A7), pelo que tiveram sessões de Apoio Tutorial desde o início do ano lectivo. Relativamente aos alunos que recusaram a proposta de Apoio Tutorial (N=3) as entrevistas foram realizadas apenas no mês de Abril, altura em que se constatou definitivamente a sua recusa. As entrevistas intermédias foram realizadas cerca de 2 meses após a realização das entrevistas iniciais, no final do mês de Abril e as entrevistas finais cerca de 1 mês após a realização das entrevistas intermédias, no início do mês de Junho.

Assim, as três entrevistas, por um lado, possuíram sempre algumas questões em comum, por forma a ser possível a realização de uma análise comparativa ao longo do tempo, por outro lado, foram sendo introduzidas novas questões que apenas faziam sentido após a realização de algumas sessões de Apoio Tutorial (quadro comparativo das entrevistas – anexo IV).

O facto de existir um maior intervalo de tempo entre a realização da 1ª e da 2ª entrevista, comparativamente ao intervalo de tempo entre a 2ª e a 3ª entrevista derivou da interrupção lectiva da Páscoa, período durante o qual os alunos não realizaram sessões de Apoio Tutorial. Ainda assim, considera-se que o intervalo de tempo entre as entrevistas foi bastante reduzido, colocando-se a hipótese de não ter sido o suficiente para a ocorrência de alterações significativas na percepção dos alunos, constrangimento este derivado da própria dinâmica da escola, tendo sido apenas possível iniciar os processos de Apoio Tutorial a meio do ano lectivo.

Em função do percurso dos alunos no Apoio Tutorial foram constituídos 3 grupos de análise. O Grupo 1 (N=4) é constituído pelos alunos que permaneceram no Apoio Tutorial até ao final do ano lectivo, o Grupo 2 (N=4) pelos alunos que abandonaram o Apoio Tutorial após a realização de algumas sessões e o Grupo 3

(N=2) pelos alunos que recusaram a proposta de Apoio Tutorial sem realizar qualquer sessão.

No quadro 4 apresenta-se a relação entre cada um dos alunos e as entrevistas em que participou. Os alunos do Grupo 1 mantiveram-se no apoio tutorial até ao final do ano lectivo, pelo que participaram nos três momentos de entrevista. Os alunos do Grupo 3 participaram apenas na entrevista inicial, uma vez que recusaram o apoio tutorial. No Grupo 2 os alunos participaram nas diferentes entrevistas em função do momento em que desistiram do Apoio Tutorial. Assim, um aluno apenas participou na entrevista inicial, dois alunos participaram nas entrevistas inicial e intermédia e um aluno participou nas três entrevistas, sendo a última entrevista sempre aplicada após a desistência do Apoio Tutorial. Os guiões de entrevista utilizados foram os mesmos com todos os alunos, excluindo-se as questões que não fazia sentido colocar face à situação dos alunos e acrescentando-se uma questão relativa às razões de abandono do Apoio Tutorial, nas situações em que tal sucedeu.

*Quadro 4 – Relação alunos / entrevistas realizadas*

	Grupo 1 – Alunos que permaneceram no AT				Grupo 2 – Alunos que abandonaram o AT				Grupo 3 – Alunos que recusaram o AT	
	A1	A5	A6	A8	A3	A7	A9	A10	A2	A4
<b>1ª Entrevista</b>	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
<b>2ª Entrevista</b>	x	x	x	x		x	x	x		
<b>3ª Entrevista</b>	x	x	x	x				x		

## 5. Metodologia de Análise dos Dados

Posteriormente à recolha dos dados através de entrevistas semi-estruturadas aos alunos propostos para Apoio Tutorial, no ano lectivo de 2012/2013, procedeu-se à análise de conteúdo das mesmas através da utilização do programa QSR NVivo 10.

As entrevistas após terem sido integralmente transcritas foram decompostas em unidades de conteúdo, procedendo-se à sua categorização (categorização – anexo

V), sendo as categorias criadas de acordo com o conteúdo das entrevistas, com os seus objectivos e com a revisão de literatura anteriormente realizada.

Em seguida procedeu-se a uma análise intraindividual por forma a ser possível a realização de uma análise do percurso individual de cada aluno no Apoio Tutorial e, posteriormente a uma análise interindividual, por forma a ser possível a comparação de alunos dentro de um mesmo grupo e entre os três grupos em análise (Grupo 1 – Alunos que permaneceram no Apoio Tutorial até ao final do ano lectivo, Grupo 2 – Alunos que abandonaram o Apoio Tutorial ao longo do seu decurso e Grupo 3 – alunos que recusaram a proposta de Apoio Tutorial, sem realizar qualquer sessão).

Tanto a análise intraindividual como a análise interindividual foram realizadas seguindo 4 eixos: Congruência do Apoio Tutorial, Percepção e Satisfação dos Alunos relativamente ao Apoio Tutorial, Caracterização do Tutor e da Relação Tutor-Aluno e Factores de Sucesso e de Insucesso do Apoio Tutorial identificados pelos alunos, sendo a síntese dos resultados obtidos apresentada e discutida no ponto seguinte, Apresentação e Discussão dos Resultados.

### III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Seguindo a metodologia de análise dos dados anteriormente referida apresenta-se em seguida os resultados obtidos, com cada um dos grupos em estudo, nos 4 eixos de análise definidos: Congruência do Apoio Tutorial, Percepção e Satisfação dos alunos relativamente ao Apoio Tutorial, Caracterização do Tutor e da Relação Tutor-Aluno e Factores de Sucesso e Insucesso do Apoio Tutorial.

#### 1. Congruência do Apoio Tutorial

Neste 1º eixo de análise, Congruência do Apoio Tutorial, procedeu-se a uma comparação dos motivos que levaram à referenciação dos alunos para o Apoio Tutorial com a percepção dos alunos relativamente aos motivos para essa referenciação, das actividades que os alunos gostariam de realizar no Apoio Tutorial com as actividades que estes referem terem sido efectivamente realizadas e dos resultados que os alunos gostariam de atingir com o Apoio Tutorial com os resultados por estes percebidos como efectivamente atingidos.

Os motivos reais que levaram à referenciação dos alunos para o Apoio Tutorial foram recolhidos da referenciação realizada pelos concelhos de turma, anteriormente apresentados no quadro 3, aquando da caracterização dos participantes, tendo-se procedido à sua categorização em *dificuldades de Organização e Métodos de Estudo* (inclui dificuldades de organização de materiais, dificuldades na gestão do tempo, falta de hábitos e métodos de estudo e dificuldades de recolha e tratamento de informação) e em *dificuldades Pessoais e/ou Familiares* (inclui dificuldades de concentração, baixa auto-estima, contexto pessoal/social difícil e atitude desmotivada), por forma a ser possível a sua comparação, com as informações dos alunos recolhidas nas entrevistas.

Por sua vez, a opção de categorização da acção tutorial em torno das áreas de apoio na Organização e Métodos de Estudo, em Dificuldades Curriculares Específicas, em aspectos Pessoais e/ou Familiares e na Definição de Objectivos e Projectos resultou não só das informações recolhidas junto dos alunos, mas também, das áreas referidas por vários autores e constantes da revisão de literatura efectuada, como áreas privilegiadas da acção tutorial na intervenção com os alunos (Arnaiz & Isús, 1998; Campos, 1994; Manzano & Pérez, 1997; Sánchez, 1988).

No quadro 5 apresentam-se os resultados relativos ao Grupo 1 (alunos que permaneceram no Apoio Tutorial até ao final do ano lectivo) e no quadro 6 os resultados relativos aos Grupo 2 e 3 (alunos que abandonaram o Apoio Tutorial no deu decurso e alunos que recusaram o Apoio Tutorial sem a realização de qualquer sessão, respectivamente). No que se refere aos alunos do Grupo 3, um aluno (A4) apenas respondeu às questões relacionadas com a referenciação para o Apoio Tutorial, uma vez que recusou liminarmente a proposta de Apoio Tutorial. Relativamente ao outro aluno (A2) colocaram-se não só as questões relativas à referenciação, mas também, questões relativas às actividades que gostaria de realizar e aos resultados que considerava que poderia obter, uma vez que a sua recusa do Apoio Tutorial se devia exclusivamente ao horário do mesmo.

*Quadro 5 – Congruência do AT no Grupo 1*

Grupo 1 – Alunos que permaneceram no AT					
Referenciação	<i>Real</i>	A1	A5	A6	A8
		DCCE PF	OME PF	OME PF	OME PF
	<i>Percepcionada</i>	DCCE MRE	MRE	MRE	OME MRE
Actividades	<i>Esperadas</i>	ACE	ACE	ACE	OME PF
	<i>Realizadas</i>	ACE	ACE	ACE	OME
Resultados	<i>Esperados</i>	MRE	MRE	MRE	OME MRE
		MRE PF	MRE	MRE PF	OME MRE
	<i>Obtidos</i>				

OME – Organização e Métodos de Estudo (dificuldades, actividades e melhorias); DCCE – Dificuldades em conteúdos curriculares específicos; ACE – Actividades de Compensação Educativa; MRE – Melhoria dos Resultados Escolares; DOP – Definição de objectivos e projectos (dificuldades, actividades e melhorias); PF – Pessoais e/ou familiares (dificuldades, actividades e melhorias).

Quadro 6 – Congruência do AT nos Grupos 2 e 3

		Grupo 2 – Alunos que abandonaram o AT				Grupo 3 – Alunos que recusaram o AT	
		A3	A7	A9	A10	A2	A4
Referenciação	<i>Real</i>	OME PF	OME PF	OME PF	OME PF	OME	OME PF
	<i>Percepcionada</i>	OME DCE	OME PF	OME	OME DOP	OME	OME DCE
Actividades	<i>Esperadas</i>	DOP PF	OME	ACE	OME DOP PF	ACE	-
	<i>Realizadas</i>	OME ACE	OME PF	OME ACE	OME DOP PF	-	-
Resultados	<i>Esperados</i>	DOP PF	MRE PF	OME MRE DOP	OME DOP	OME MRE	-
	<i>Obtidos</i>	OME MRE	OME MRE	OME MRE	OME DOP PF	-	-

OME – Organização e Métodos de Estudo (dificuldades, actividades e melhorias); DCE – Dificuldades em conteúdos curriculares específicos; ACE – Actividades de Compensação Educativa; MRE – Melhoria dos Resultados Escolares; DOP – Definição de objectivos e projectos (dificuldades, actividades e melhorias); PF – Pessoais e/ou familiares (dificuldades, actividades e melhorias).

### *Congruência da referenciação real e percepcionada*

Realizando uma análise global verifica-se que todos os alunos, de todos os Grupos foram referenciados para o Apoio Tutorial por apresentarem dificuldade na Organização e Métodos de Estudo, à excepção de um aluno (A1), assim como, por apresentarem dificuldades ao nível Pessoal e/ou Familiar, à excepção de um aluno (A2). O aluno A1 foi referenciado para Apoio Tutorial por dificuldades em Conteúdos Curriculares Específicos (não domínio da língua portuguesa) e por dificuldades Pessoais e/ou Familiares (dificuldades de integração na escola e na comunidade) e o aluno A2 apenas por dificuldades ao nível da Organização e Métodos de Estudo.

No entanto, verifica-se que a percepção dos alunos nem sempre é coincidente com a referenciação que foi efectivamente realizada. Na verdade, 7 alunos referiram terem sido referenciados para Apoio Tutorial para melhoria da Organização e Métodos de Estudo e 1 aluno referiu ter sido referenciado por apresentar dificuldades em Conteúdos Curriculares Específicos, o que efectivamente sucedeu. Contudo, 2 alunos referiram terem sido referenciados para Apoio Tutorial apenas para obterem Melhores Resultados Escolares, o que poderá ser revelador de alguma incompreensão relativamente aos objectivos do Apoio Tutorial e, eventualmente, alguma confusão

com o Apoio Pedagógico Acrescido, sendo esta uma modalidade de apoio com a qual os alunos estão mais familiarizados.

Curiosamente, verifica-se que todos os alunos que referiram terem sido referenciados para Melhorar os Resultados Escolares permaneceram no Apoio Tutorial até ao final do ano lectivo e os alunos que não referiram este aspecto recusaram ou desistiram do Apoio Tutorial durante o seu decurso, pelo que a Melhoria dos Resultados Escolares poderá constituir-se como uma motivação fundamental na adesão e permanência dos alunos no Apoio Tutorial.

No que se refere à referenciação ao Apoio Tutorial por dificuldades Pessoais e/ou Familiares verifica-se que apenas um aluno aparenta ter noção desse facto (A7), embora este campo seja referido como actividades que gostariam de realizar por 3 alunos (A3, A8 e A10), como um resultado esperado por 2 alunos (A3 e A7), como actividades efectivamente realizadas por 2 alunos (A7 e A10) e como um resultado efectivamente obtido por 3 alunos (A1 e A6 - melhoria da auto-confiança e A10 - melhoria na estabilidade emocional). Assim, aparentemente, as dificuldades Pessoais e/ou Familiares são aspectos frequentemente trabalhados no Apoio Tutorial, embora, muitas vezes, não sejam percepcionados de forma explícita e consciente por parte dos alunos.

#### *Congruência das actividades esperadas e realizadas*

Relativamente às actividades que os alunos antecipam ou gostariam de realizar no Apoio Tutorial verifica-se que grande parte dos alunos (A1, A5, A6, A9 e A2) antecipam e gostariam de vir a realizar Actividades de Compensação Educativa, apenas 3 alunos (A8, A7 e A10) referem actividades de Organização e Métodos de Estudo, 3 alunos (A8, A3 e A10) referem actividades em que se abordem assuntos Pessoais e/ou Familiares e 2 alunos (A3 e A10) referem actividades de Definição de Objectivos e Projectos.

No que concerne às actividades que os alunos referem terem sido efectivamente realizadas verifica-se que 5 alunos referem ter realizado Actividades de Compensação Educativa (A1, A5, A6, A3 e A9), 5 alunos referem ter realizado actividades de Organização e Métodos de Estudo (A8, A3, A7, A9, A10), 2 alunos (A7 e A10)

referem que abordaram assuntos Pessoais e/ou Familiares e apenas 1 aluno (A10) refere ter realizado actividades de Definição de Objectivos e Projectos.

De uma forma genérica verifica-se que existiu consistência entre o que os alunos tinham expectativa ou gostariam de fazer e as actividades que foram efectivamente realizadas, à excepção de um aluno (A3) que gostaria de realizar actividades de Definição de Objectivos e Projectos e abordar assuntos Pessoais e/ou Familiares e refere ter realizado apenas actividades de Organização e Métodos de Estudo e Actividades de Compensação Educativa. Salienta-se que este aluno abandonou o Apoio Tutorial no seu decurso podendo-se inferir que esta discrepância poderá ter contribuído para o abandono.

Importa ainda referir que um aluno (A8) refere que gostaria de realizar actividades de Organização e Métodos de Estudo e abordar assuntos Pessoais e/ou Familiares e que apenas realizou actividades de Organização e Métodos de Estudo, outro aluno (A7) refere que gostaria de realizar apenas actividades de Organização e Métodos de Estudo, e que efectivamente as realizou, acrescentado contudo que também foram abordados assuntos Pessoais e/ou Familiares, o que nem sempre foi do seu agrado. Um outro aluno (A9) refere que gostaria de realizar Actividades de Compensação Educativa, e que efectivamente as realizou, acrescentando ter também realizado actividades de Organização e Métodos de Estudo.

Os alunos onde se verificaram estas inconsistências (A3, A7 e A9), à excepção de um aluno (A8), abandonaram o Apoio Tutorial no seu decurso, o que novamente corrobora a hipótese de que estas inconsistências entre as actividades que os alunos gostariam de realizar e as que referem ter efectivamente realizado poderão de alguma forma ter contribuído para o abandono do Apoio Tutorial.

Por outro lado, o elevado número de alunos que antecipa ou gostaria de realizar actividades de Compensação Educativa poderá ser novamente revelador de alguma incompreensão relativamente aos objectivos do Apoio Tutorial e, eventualmente, alguma confusão com o Apoio Pedagógico Acrescido. De forma análoga o facto de um elevado número de alunos também ter referido que efectivamente realizou esse tipo de actividades também poderá ser revelador de alguma confusão por parte dos tutores. Sendo contudo, talvez mais provável que os tutores pretendessem trabalhar aspectos de Organização e Métodos de Estudo, recorrendo para tal a alguns conteúdos



curriculares específicos. A ser assim, verifica-se contudo, que os objectivos das actividades e do Apoio Tutorial nem sempre são claros para os alunos.

### *Congruência nos resultados esperados e obtidos*

No que se refere às expectativas dos alunos relativamente aos resultados do Apoio Tutorial verifica-se que quase todos os alunos (A1, A5, A6, A8, A7, A9 e A2) esperavam que o Apoio Tutorial os ajudasse a Melhorar os Resultados Escolares, existindo apenas 4 alunos (A8, A9, A10 e A2) que referiram ter a expectativa de melhorar na Organização e Métodos de Estudo, 3 alunos (A3, A9 e A10) referiram ter a expectativa que o Apoio Tutorial os ajudasse na Definição de Objectivos e Projectos e 2 alunos (A3 e A7) referiram ter a expectativa que o Apoio Tutorial os ajudasse em aspectos Pessoais e/ou Familiares.

No que concerne aos resultados referidos pelos alunos como efectivamente obtidos com o Apoio Tutorial verifica-se que todos os alunos que frequentaram o Apoio Tutorial referiram ter Melhorado nos Resultados Escolares, 5 alunos (A8, A3, A7, A9, A10) referiram ter melhorado a Organização e Métodos de Estudo, 3 alunos (A1, A6 e A10) em aspectos Pessoais e/ou Familiares e 1 aluno (A10) na Definição de Objectivos e Projectos.

Assim, verifica-se que a expectativa dos alunos de que o Apoio Tutorial os ajudasse na Melhoria dos Resultados Escolares foi correspondida, assim como, na expectativa de que os ajudasse na Organização e Métodos de Estudo, embora este último aspecto tenha sido referido como um resultado esperado por um menor número de alunos.

No entanto, no que se refere a resultados em aspectos Pessoais e/ou Familiares e ao Desenvolvimento de Objectivos e Projectos verifica-se que embora alguns alunos tenham referido melhorias nestas áreas, estes não eram coincidentes com os alunos que referiram essa expectativa. Mais uma vez, verifica-se que nestas situações em que se registaram algumas discrepâncias os alunos abandonaram o Apoio Tutorial no seu decurso, pelo que, estas discrepâncias também poderão ter contribuído para o abandono.

## 2. Percepção e Satisfação dos Alunos relativamente ao Apoio Tutorial

Neste ponto da análise, procurou-se avaliar a percepção e satisfação geral dos alunos relativamente ao Apoio Tutorial, analisando-se e comparando-se as reacções iniciais ao Apoio Tutorial, as alterações na percepção do Apoio Tutorial ao longo do seu decurso, o grau de satisfação referido pelos alunos relativamente ao Apoio Tutorial, intenções de continuidade no Apoio Tutorial no próximo ano lectivo e os comentários que os alunos fariam a um colega que fosse proposto para Apoio Tutorial.

No quadro 5 apresentam-se os resultados relativos ao Grupo 1 (alunos que permaneceram no Apoio Tutorial até ao final do ano lectivo) e no quadro 6 os resultados relativos aos Grupo 2 (alunos que abandonaram o Apoio Tutorial no seu decurso), acrescentando-se que os itens que surgem como não respondidos pelos alunos do Grupo 2 derivam do facto de um aluno (A3) ter realizado apenas a 1ª entrevista, 2 alunos (A7 e A10) terem realizado apenas a 1ª e 2ª entrevistas, sendo que apenas um aluno (A9) realizou as 3 entrevistas. De forma análoga, não são apresentados os resultados relativos ao Grupo 3, uma vez que não foi possível a sua recolha pelo facto de estes alunos terem recusado o Apoio Tutorial sem realização de qualquer sessão.

*Quadro 7 – Percepção e Satisfação com o AT no Grupo 1*

Grupo 1 – Alunos que permaneceram no AT				
	A1	A5	A6	A8
<b>Reacção ao AT</b>	Aceitação do AT	Aceitação do AT	Aceitação do AT	Recusa do AT
<b>Alterações na Percepção</b>	Correspondência com as expectativas	Correspondência com as expectativas	Correspondência com as expectativas	Superior às expectativas
<b>Satisfação com AT</b>	Elevada	Elevada (aparenta ter decrescido ao longo do AT)	Elevada (aparenta ter decrescido ao longo do AT)	Elevada
<b>Continuação do AT</b>	Necessidade de continuação Com o mesmo tutor	Indecisão Com o mesmo tutor (se continuar)	Necessidade de continuação Com o mesmo tutor	Necessidade de continuação Com o mesmo tutor
<b>Comentário a colega</b>	Satisfação com AT (apenas a colegas com dificuldades semelhantes às suas)	Satisfação com AT (ajuda a melhorar os resultados e a motivação escolar)	Satisfação com AT (ajuda a melhorar os resultados e a motivação escolar)	Satisfação com AT (Ajuda na OME)

*Quadro 8 – Percepção e Satisfação com o AT no Grupo 2*

<b>Grupo 2 – Alunos que abandonaram o AT</b>				
	<b>A3</b>	<b>A7</b>	<b>A9</b>	<b>A10</b>
<b>Reacção ao AT</b>	Aceitação do AT	Aceitação do AT	Aceitação do AT	Recusa do AT
<b>Alterações na Percepção</b>	Inferior às expectativas (não inclui DOP e FP)	Correspondência com as expectativas	Inferior às expectativas (não inclui ACE em todas as disciplinas)	Superior às expectativas
<b>Satisfação com AT</b>	Moderada	Moderada	Moderada (Decresceu ao longo do AT)	Média Alta
<b>Continuação do AT</b>	-	Indecisão	Indecisão Mudança de tutor (se continuasse)	Necessidade de continuação
<b>Comentário a colega</b>	-	-	Satisfação com AT (ajuda na OME e nas dificuldades)	-

Realizando uma análise comparativa entre o Grupo 1 (alunos que permaneceram no Apoio Tutorial) e o Grupo 2 (alunos que abandonaram o Apoio Tutorial) verifica-se que em ambos a reacção inicial dos alunos ao Apoio Tutorial foi maioritariamente de aceitação, existindo igualmente em ambos um aluno que apresentou uma reacção inicial de recusa (A8 e A10). Nas duas situações os alunos iniciaram o Apoio Tutorial, verificando-se posteriormente, que este se revelou superior às suas expectativas iniciais, surgindo as características do tutor e da relação tutor-aluno como factores determinantes nessa alteração. Estas situações realçam, por um lado, a importância das características do tutor e da relação tutor-aluno na adesão e permanência dos alunos ao Apoio Tutorial e, por outro lado, apoiam que ocorra alguma insistência para que os alunos experimentem o apoio tutorial, ainda que a sua reacção inicial possa ser de não aceitação. Salienta-se que embora um destes alunos (A10) tenha abandonado o Apoio Tutorial, o outro aluno (A8) permaneceu no Apoio Tutorial até ao final do ano lectivo, pretendendo continuar no ano lectivo seguinte e sendo, inclusive, um dos alunos que apresenta maior grau de satisfação com o Apoio Tutorial.

No que se refere à correspondência do Apoio Tutorial com as expectativas iniciais dos alunos verificou-se que no Grupo 1 (alunos que permaneceram no Apoio Tutorial) existiu essa correspondência, contudo, no Grupo 2 (alunos que abandonaram o Apoio Tutorial) 2 alunos (A3 e A7) referiram que o Apoio Tutorial, após ter sido iniciado revelou-se inferior às suas expectativas iniciais (por não incluir

actividades de Definição de Objectivos Projectos e por não abordar questões Pessoais e Familiares numa situação e por não incluir Actividades de Compensação Educativa na outra situação), o que corrobora a hipótese colocada no ponto de análise anterior de que a não correspondência entre o que os alunos esperam inicialmente receber do Apoio Tutorial e o que posteriormente consideram estar a receber pode levar ao seu abandono.

Relativamente ao grau de satisfação geral com o Apoio Tutorial verificou-se que os alunos do Grupo 1 (alunos que permaneceram no Apoio Tutorial) referiram uma satisfação global elevada, inclusive, nas duas situações em que esta decresceu pelo facto de os alunos não alcançarem os resultados escolares desejados, enquanto que no grupo 2 (alunos que abandonaram o Apoio Tutorial) os alunos, desde o início, referiram uma satisfação geral apenas mediana, em duas das situações pelas razões anteriormente referidas de não correspondência com as expectativas, numa das situações (A7) por o aluno considerar que o Apoio Tutorial apenas é útil nos momentos em que tem testes ou trabalhos para realizar e na outra situação (A10) pelo facto de o aluno, por vezes, ter mais vontade de realizar outras actividades do que ir ao Apoio Tutorial.

No que respeita à necessidade de continuação do Apoio Tutorial, verificou-se que no Grupo 1 (alunos que permaneceram no Apoio Tutorial) apenas um aluno (A5) referiu alguma indecisão enquanto que no Grupo 2 (alunos que abandonaram o Apoio Tutorial), pelo contrário, apenas um aluno (A10) considerou existir necessidade de continuação, dois alunos (A7 e A9) apresentaram alguma indecisão, sendo referido por um dos alunos (A9) que a continuação apenas faria sentido se o Apoio Tutorial pudesse contemplar Actividades de Compensação Educativa nas disciplinas específicas do seu curso e pelo outro aluno (A7) que a sua continuidade no Apoio Tutorial dependeria da evolução da sua estabilidade emocional e pessoal.

A este propósito acrescenta-se que dois alunos do Grupo 2 (alunos que abandonaram o Apoio Tutorial) apresentam dificuldades emocionais e pessoais complexas, sendo por ambos referido que o Apoio Tutorial apenas os ajuda quando estas situações se encontram mais estabilizadas. Assim, o Apoio Tutorial aparenta ser útil e ter um impacto positivo em situações Pessoais e/ou Familiares apenas quando estas situações são pouco complexas, revelando-se pouco eficaz nas situações mais

complexas, podendo estas inclusive, constituir-se como um factor facilitador do abandono do AT.

Estes resultados são concordantes com a posição de DuBois, Portillo, Rhodes, Silverthorn e Valentine (2011), sendo que estes autores defendem que os programas de tutoria apresentam mais eficácia quando os tutores são confrontados com dificuldades de aprendizagem, emocionais ou comportamentais moderadas, sendo contudo contraproducente perante dificuldades mais graves, perante as quais os tutores não tem os conhecimentos e competências necessárias para intervir, carecendo assim, de intervenções psicoterapêuticas especializadas.

No que se refere à continuidade do tutor, todos os alunos do Grupo 1 (alunos que permaneceram no Apoio Tutorial) referiram que gostariam de ter o mesmo tutor, caso permanecessem no Apoio Tutorial, o que se pode considerar como revelador da importância da relação tutor-aluno neste processo. No Grupo 2, apenas um aluno (A9) foi questionado relativamente a este aspecto uma vez que foi o único aluno que realizou a 3ªentrevista. Este aluno referiu que a continuidade do Apoio Tutorial apenas faria sentido com um outro tutor, pois apenas ponderaria a sua continuação no Apoio Tutorial se fosse possível a realização de Actividades de Compensação Educativa nas disciplinas específicas do seu curso.

No que se refere ao que os alunos diriam a um colega que fosse proposto para Apoio Tutorial, constata-se que todos os alunos questionados, incluindo o aluno que abandonou o Apoio Tutorial (A9) referem que recomendariam ao colega a frequência do Apoio Tutorial, acrescentando que este os poderia ajudar na melhoria dos resultados escolares, da motivação escolar e da Organização e Métodos de Estudo, o que permite colocar a hipótese de os alunos considerarem o Apoio Tutorial útil e que as situações de abandono ocorram apenas por este nem sempre corresponder às necessidades específicas dos alunos que são propostos.

### 3. Caracterização do Tutor e da Relação Tutor-Aluno

Neste ponto da análise procurou-se analisar a caracterização realizada pelos alunos no que se refere ao tutor e à relação tutor-aluno.

No quadro 7 apresentam-se os resultados relativos ao Grupo 1 (alunos que permaneceram no Apoio Tutorial até ao final do ano lectivo) e no quadro 8 os resultados relativos aos Grupo 2 (alunos que abandonaram o Apoio Tutorial no decurso). No Grupo 2 um aluno (A3) referiu características relativas ao tutor do ano lectivo anterior, identificado como 1ºtutor e características relativas ao tutor do actual ano lectivo, identificado como 2ºtutor. Este mesmo aluno não procedeu à caracterização da relação tutor-aluno uma vez que apenas realizou a 1ª entrevista, da qual não constava esta questão. Os resultados relativos ao Grupo 3 não são apresentados, uma vez mais por não ter sido possível a sua recolha pelo facto de estes alunos terem recusado o Apoio Tutorial sem realização de qualquer sessão.

*Quadro 9 – Caracterização do Tutor e Relação Tutor-Aluno no Grupo 1*

Grupo 1 – Alunos que permaneceram no AT					
		A1	A5	A6	A8
Caracterização do Tutor	<i>Características facilitadoras da Relação</i>	Simpático; interessado/ disponível; alegre/ brincalhão	Simpático; interessado/ disponível	Simpático; interessado/ disponível; paciente/ compreensivo; boa relação	Simpático; alegre/ brincalhão; boa relação
	<i>Características facilitadoras da prossecução dos objectivos dos alunos</i>	-	Sabe explicar	-	Sabe motivar
	<i>Características inibidoras da relação</i>	-	-	-	-
Caracterização da Relação		Relação de Ajuda Relação de Preocupação/ Cuidado; c/ confiança	Relação de Ajuda	Relação de Ajuda; c/ confiança	Relação de Ajuda; Relação Empática; Relação Lúdica; c/ confiança

Quadro 10 – Caracterização do Tutor e da Relação Tutor-Aluno no Grupo 2

Grupo 2 – Alunos que abandonaram o AT					
		A3	A7	A9	A10
Caracterização do Tutor	<i>Características facilitadoras da Relação</i>	Interessado/ disponível (2º tutor)	Interessado/ disponível; sabe ouvir; sabe aconselhar	Simpático; interessado/ disponível	Simpático; boa relação.
	<i>Características facilitadoras da prossecução dos objectivos dos alunos</i>	Sabe motivar	-	Cultura elevada	Sabe motivar
	<i>Características inibidoras da relação</i>	Desinteressado (1º tutor) Pouco compreensivo (2ºtutor)	-	Reservado	-
Caracterização da Relação		-	Relação de Ajuda; c/ confiança	Relação Profissional/ Distante S/ confiança S/ intimidade S/ partilha	Relação de Ajuda; c/ confiança

#### Caracterização do Tutor

No que se refere à caracterização do tutor verifica-se que tanto no Grupo 1 (alunos que permaneceram no Apoio Tutorial) como no Grupo 2 (alunos que abandonaram o Apoio Tutorial) predominam as referencias a características facilitadoras da relação, realçando-se que a simpatia dos tutores foi referida por todos os alunos do Grupo 1 (A1, A5, A6 e A8) e por 2 alunos do Grupo 2 (A9 e A10), a demonstração de interesse e disponibilidade para ajudar os alunos foi referida por 3 alunos do Grupo 1 (A1, A5, A6) e 3 alunos do Grupo 2 (A3, A7 e A9), seguindo-se a capacidade de estabelecer boas relações interpessoais referida por 2 aluno do Grupo 1 (A6 e A8) e 1 aluno do grupo 2 (A10), assim como, ser um tutor alegre e brincalhão referido por 2 aluno do grupo 1 (A1 e A8). Um aluno do grupo 1 (A6) referiu ainda a importância de o tutor ser paciente e compreensivo e um aluno do grupo 2 (A7) a importância de o tutor saber ouvir e aconselhar. Relativamente às características do tutor que podem ser facilitadoras da prossecução dos objectivos dos alunos no Apoio Tutorial, um aluno do Grupo 1 (A8) e dois alunos do Grupo 2 (A3 e A10) salientaram a importância de o tutor saber motivar, um aluno do grupo 1 (A5) referiu a

importância de o tutor saber explicar e um aluno do Grupo 2 (A9) a importância de ser uma pessoa com uma cultura elevada.

Apenas dois alunos do Grupo 2 (A3 e A9) referiram características inibidoras da relação, nomeadamente, o tutor ser reservado (A9) e o tutor aparentar desinteresse em relação ao aluno e ao processo de Apoio Tutorial (A3). Salienta-se que um destes alunos (A9) ao declarar que o tutor aparentava desinteresse se referia ao tutor do ano lectivo anterior, sendo que, relativamente ao tutor do presente ano lectivo, apesar de inicialmente o ter considerado pouco compreensivo perante as suas dificuldades, posteriormente, alterou a sua percepção passando a considerá-lo um tutor interessado e disponível. Apesar de nenhum destes alunos ter atribuído o seu abandono do Apoio Tutorial às características do tutor, os presentes dados permitem colocar a hipótese de que este possa também ser um dos factores que condicione a adesão e permanência dos alunos no Apoio Tutorial e/ou favoreça o seu abandono. Por outro lado, a situação do aluno A3 permite colocar a hipótese de que uma experiência de Apoio Tutorial anterior, com um tutor que aparentava desinteresse, possa ter inicialmente condicionado a sua percepção do novo tutor, sendo contudo, uma situação passível de alteração.

Em síntese, estes resultados aparentam ser concordantes com as perspectivas de Arnaiz e Isús (1998), assim como de Campos (1994), que salientam a importância das competências relacionais, de comunicação e de empatia dos tutores. Seguindo a categorização de Manzano e Pérez (1997), assim como, de Veiga Simão e Flores (2008) das competências essenciais dos tutores nos domínios do Ser, Saber e Saber-Fazer, verifica-se que os alunos em estudo aparentam atribuir maior importância às competências do ser (simpático, interessado e disponível, paciente e compreensivo, alegre e brincalhão e capaz de estabelecer boas relações com os alunos), seguindo-se as competências do Saber-Fazer (saber motivar e saber explicar), verificando-se apenas uma referência ao domínio do saber (ter uma cultura elevada).

#### *Caracterização da Relação Tutor-Aluno*

No que concerne à relação tutor-aluno verifica-se que esta é caracterizada por todos os alunos do Grupo 1 e por dois alunos do Grupo 2 (A7 e A10) como uma



relação de ajuda e de confiança. No Grupo 1, apenas um aluno (A5) caracterizou a relação unicamente como uma relação de ajuda e não como uma relação de confiança, sendo também o único aluno deste grupo que apresenta alguma indecisão relativamente à continuação do Apoio Tutorial no próximo ano lectivo, o que poderá ser indicador de uma relação entre ambos os factores. Salientando-se contudo que a continuar no Apoio Tutorial, preferia continuar com o mesmo tutor.

Acrescenta-se ainda que os dois alunos que aparentam ter um maior grau de satisfação com a tutoria (A1 e A8) revelaram maior facilidade na caracterização da relação tutor-aluno, tendo um deles (A1) acrescentado que *“é uma relação tipo mãe e filho”*, consistindo portanto numa relação de preocupação/cuidado e o outro aluno (A8) que é uma relação empática e lúdica, pelo que se pode também inferir que a qualidade da relação possa ter uma influência directa na satisfação dos alunos com o Apoio Tutorial.

Por outro lado, o único aluno que faz referência a uma relação tutor-aluno profissional e distante, sem confiança, intimidade e partilha (A9) pertence ao grupo de alunos que abandonaram o Apoio Tutorial, pelo que novamente e à semelhança do que sucede com a caracterização do tutor, apesar de o aluno não ter relacionado o abandono do Apoio Tutorial com as características do relação tutor-aluno, este dado permite colocar a hipótese de que possa existir alguma relação, mais ou menos consciente por parte do aluno.

Em síntese, estes resultados aparentam ser concordantes com os resultados dos estudos no âmbito do apoio mentorial (DuBois, Holloway, Valentine & Cooper, 2002; DuBois, Portillo, Rhodes, Silverthorn & Valentine 2011; Rhodes, 2005; Slicker & Palmer 1993; Wood & Mayo-Wilson, 2012) que salientam a importância da existência de uma forte relação, de empatia e confiança mútuas para o sucesso dos programas, assim como da importância de ser uma relação prolongada, por forma a ser possível o desenvolvimento destas características de relação. Efectivamente, verifica-se que o aluno (A1) que apresenta maior satisfação com o Apoio Tutorial e uma relação tutor-aluno mais forte é também o aluno que se encontra em Apoio Tutorial há mais tempo, tendo iniciado o processo no ano lectivo transacto.

### 3. Factores de Sucesso e Insucesso do Apoio Tutorial

Neste ponto procurou-se analisar os factores referidos pelos alunos como podendo condicionar o sucesso/insucesso do Apoio Tutorial, sendo estes agrupados em factores intrínsecos aos alunos, factores associados às características dos tutores, factores associados à relação tutor-aluno e factores associados à organização e funcionamento do Apoio Tutorial.

No quadro 9 apresentam-se os resultados relativos ao Grupo 1 (alunos que permaneceram no Apoio Tutorial) e no quadro 10 os resultados relativos aos Grupo 2 e 3 (alunos que abandonaram e alunos que recusaram o Apoio Tutorial, respectivamente).

Quadro 11 – Factores de Sucesso e de Insucesso no AT no Grupo 1

Grupo 1 – Alunos que permaneceram no AT					
		A1	A5	A6	A8
Factores de Sucesso do AT	<i>Intrínsecos Alunos</i>	Não ter vergonha de pedir ajuda	Frequência voluntária do AT; empenho para melhorarem os resultados escolares	Frequência voluntária do AT; sentirem dificuldades e necessidade de AT; quererem ser ajudados; resistir a fazer outras actividades no horário do AT	Quererem superar as dificuldades; satisfação com AT
	<i>Característicos dos Tutores</i>	-	-	Interesse pelos alunos; dispostos a ajudarem os alunos; compreensivos	Interesse pelo aluno
	<i>Organização e Funcionamento do AT</i>	-	-	-	Harmonia no horário; incluir momentos lúdicos
	<i>Relação Tutor-Aluno</i>	-	-	-	Relação de confiança
Factores de Insucesso do AT	<i>Intrínsecos Alunos</i>	-	Desmotivação com a escola e AT; não preocupação com os resultados escolares; resultados escolares tão fracos que já não seja possível a recuperação; resultados escolares permanecerem fracos após AT.	-	Desinteresse e fraca assiduidade
	<i>Característicos dos Tutores</i>	-	-	-	-
	<i>Organização e Funcionamento do AT</i>	-	-	-	-
	<i>Relação Tutor-Aluno</i>	-	-	-	-
Estratégias	<i>Atingir as metas</i>	-	Acreditar que é possível recuperar os resultados escolares	Pensar que quer e necessita mesmo de melhorar os resultados escolares	-
	<i>Melhorar a relação</i>	-	-	Conversar com o tutor	-

Quadro 12 – Factores de Sucesso e de Insucesso nos Grupos 2 e 3

		Grupo 2 – Alunos que abandonaram o AT				Grupo 3 – Alunos que recusaram o AT	
		A3	A7	A9	A10	A2	A4
Factores de Sucesso do AT	<i>Intrínsecos Alunos</i>	Frequência voluntária do AT; quererem ser ajudados	Terem vontade de trabalhar para melhorarem os resultados escolares	-	Motivar os alunos explicando o que é o AT	-	Querem e sentirem necessidade de ajuda
	<i>Característicos dos Tutores</i>	Interesse pelo aluno; saberem ensinar	-	Goste de conviver, de falar, de ajudar e de compreender os problemas dos alunos	Pessoa natural	-	Saber motivar e explicar bem
	<i>Organização e Funcionamento do AT</i>	Dar apoio em situações pessoais; encaminhamento atempado para AT	Actividades mais diversificadas do AT (não ser só falar do que corre mal)	Harmonização dos horários; mais tempo nas sessões de AT	Harmonização dos horários; realizar actividades não relacionadas com escola	-	-
	<i>Relação Tutor-Aluno</i>	-	-	Compreensão, respeito e confiança	-	-	-
Factores de Insucesso do AT	<i>Intrínsecos Alunos</i>	-	-	Abandono escolar decorrente de insucesso escolar	Quererem realizar outras actividades no horário do AT	-	Considerarem que conseguem ultrapassar as dificuldades sozinhos
	<i>Característicos dos Tutores</i>	-	-	-	Ser rezingão, muito exigente ou fazer muitas perguntas	-	-
	<i>Organização e Funcionamento do AT</i>	Encaminhamento tardio para AT impossibilitando a recuperação dos resultados escolares	-	-	Não terem nota e/ou faltas, condiciona a assiduidade	Horário do AT	-
	<i>Relação Tutor-Aluno</i>	-	-	-	-	-	-
Estratégias	<i>Atingir as metas</i>	-	Pensar que o AT sempre ajuda	-	Pensar nos benefícios da tutoria	-	-
	<i>Melhorar a relação</i>	-	-	-	-	-	-

Neste ponto da análise verificou-se que os alunos do Grupo 1 (alunos que permaneceram no Apoio Tutorial) identificaram com mais facilidade factores de sucesso do Apoio Tutorial, sendo estes referidos por todos os alunos, do que factores de insucesso, referidos por apenas dois alunos. Por outro lado, todos os alunos do Grupo 1 se referiram a factores intrínsecos aos alunos, enquanto que os factores relacionados com as características dos tutores foram referidos apenas por 2 alunos e

os factores relacionados com a relação tutor-aluno e com a organização e funcionamento apenas por um aluno, parecendo assim, que os alunos do Grupo 1 consideram que o sucesso do Apoio Tutorial depende maioritariamente dos próprios alunos.

Nos Grupos 2 e 3 (alunos que abandonaram e alunos que recusaram o Apoio Tutorial, respectivamente) verificou-se que a maioria dos alunos identificou quer factores de sucesso, quer factores de insucesso do Apoio Tutorial. Por outro lado, também se verificou que quase todos os alunos referiram aspectos intrínsecos aos alunos (5 em 6), aspectos característicos dos tutores (4 em 6) e factores relacionados com a organização e funcionamento da Tutoria (5 em 6), sendo que apenas no que respeita à relação tutor-aluno é que apenas um aluno se referiu directamente a este aspecto. Assim, nos Grupos 2 e 3, contrariamente ao que sucede no Grupo 1, os alunos aparentemente consideraram que o sucesso do Apoio Tutorial é igualmente dependente de factores intrínsecos aos alunos, factores característicos dos tutores, assim como, de factores de organização e funcionamento do Apoio Tutorial.

Esta constatação permite colocar a hipótese de que alunos do Grupo 1 eventualmente apresentem maior propensão a realizarem atribuições de causalidade interna, ao contrário dos alunos do Grupo 2 e 3 que tenderão a realizar mais atribuições de causalidade externa. Podendo, eventualmente encontrar-se associada ao aspecto anteriormente referido de aparentemente de que os alunos do Grupo 1 que aparentam maior motivação para melhorar os resultados escolares, apresentando também maior tendência para permanecerem no Apoio Tutorial.

#### *Factores intrínsecos aos alunos*

No que se refere aos factores intrínsecos aos alunos salientou-se sobretudo o factor de os alunos “terem dificuldades e quererem ser ajudados a superar essas dificuldades e a melhorar os resultados escolares”, referido por todos os alunos do Grupo 1 (A1, A5, A6 e A8), 2 alunos do Grupo 2 (A3, A7) e por um aluno do Grupo 3 (A4), existindo ainda um aluno do Grupo 1 (A4) que seguindo a mesma linha refere que o facto de “os alunos considerarem que conseguem ultrapassar as suas dificuldades sozinhos” pode-se constituir como um obstáculo à adesão dos alunos ao

Apoio Tutorial, assim como, o “desinteresse pela escola e pelos resultados escolares”, referido por dois alunos do Grupo 1 (A5 e A8).

Dois alunos do Grupo 1 (A5 e A6) e um aluno do Grupo 2 (A3) salientaram ainda a importância de os “alunos frequentarem o Apoio Tutorial voluntariamente”, um aluno do Grupo 1 (A6) e um aluno do Grupo 2 (A10) referem a necessidade de “resistir a realizar outras actividades consideradas mais prazerosas no horário do Apoio Tutorial” e um aluno do Grupo 2 (A10) salientou a importância de se “motivar os alunos, explicando o que é o Apoio Tutorial”.

Por outro lado, um aluno do Grupo 1 e um aluno do Grupo 2 referem que “os resultados escolares podem ser já tão fracos que os alunos considerem já não ser possível a recuperação” (A3) ou “os resultados escolares permanecerem fracos, após a frequência do Apoio Tutorial” (A5), podendo mesmo ocorrer “Abandono escolar decorrente do insucesso escolar” (A9).

#### *Factores característicos dos tutores e da relação tutor-aluno*

No que se refere aos factores característicos dos tutores dois alunos do Grupo 1 (A6 e A8) e um aluno do Grupo 2 (A3) salientaram a importância de os “tutores demonstrarem interesse pelos alunos”, um aluno do Grupo 1 (A6) e um aluno do Grupo 2 (A9) salientaram a importância de “o tutor demonstrar vontade em ajudar o aluno” e de o “tutor compreender o aluno e as suas dificuldades e/ou problemas”, dois alunos do Grupo 2 (A3 e A4) salientaram a importância de “o tutor Saber ensinar/explicar”, um aluno do Grupo 2 (A4) a importância de “o tutor saber motivar”, um aluno do Grupo 2 (A10) a importância de “o tutor ser uma pessoa natural, que não seja muito rezingão, muito exigente ou que faça muitas perguntas” e um aluno do Grupo 2 (A9) a importância de “o tutor gostar de conviver e de falar”.

Embora se verifique que neste ponto os alunos salientaram sobretudo as características do tutor que são facilitadoras da relação tutor-aluno, sendo os aspectos de facilitação da prossecução dos objectivos referidos apenas por 2 alunos, verifica-se que apenas um aluno do Grupo 1 (A8) e um aluno do Grupo 2 (A9) se referiram explicitamente a factores da relação tutor-aluno, sendo por ambos realçada a

importância da confiança e acrescentado pelo aluno do Grupo 2 (A9) a importância do respeito e compreensão mútuas.

Assim, estes dados apoiam a hipótese anteriormente colocada relativamente à importância das características do tutor e da qualidade da relação tutor-aluno para a adesão e permanência dos alunos no Apoio Tutorial, evitando o seu abandono, assim como, a importância das competências relacionais, de comunicação e de empatia dos tutores, já identificada na análise da caracterização do tutor e da relação tutor-aluno e referida por diversos autores na revisão de literatura realizada (Arnaiz & Isús, 1998; Campos, 1994; DuBois, Holloway, Valentine & Cooper 2002; DuBois, Portillo, Rhodes, Silverthorn & Valentine, 2011; Manzano & Pérez, 1997; Rhodes, 2005; Slicker & Palmer, 1993; Veiga Simão & Flores, 2008; Wood & Mayo-Wilson, 2012).

Relativamente ao factor referido por um dos alunos do Grupo 2 (A10) relativamente à importância de “o tutor ser uma pessoa natural, que não seja muito rezingão, muito exigente ou que faça muitas perguntas”, salienta-se a perspectiva de Bernet, Cuxart, Garcia, Rovira e Serrano (2008) que efectivamente recomendam que os tutores evitem fazer demasiadas perguntas e situarem-se no papel de especialista, sendo antes preferível a criação de um clima em que o aluno se sinta cómodo e que se seja receptivo aos temas que o aluno pareça mais predisposto a falar. De forma semelhante Arnaiz e Isús (1998) também defendem que, por vezes, será preferível abordar apenas aspectos mais superficiais e incidir sobre aspectos mais técnicos e académicos, sem se pretender aceder a informações mais profundas, respeitando-se assim a privacidade dos alunos.

### *Factores de Organização e Funcionamento do Apoio Tutorial*

Por fim, no que respeita a factores de organização e funcionamento do Apoio Tutorial, verifica-se que estes foram referidos apenas por um aluno do Grupo 1 (A8) mas referido por todos os alunos do Grupo 2 (A3, A7, A9 e A10) e por um aluno do Grupo 3 (A2).

O aspecto que surgiu com maior número de referências foi a “necessidade de harmonia entre o horário do Apoio Tutorial e do aluno”, referido por um aluno do Grupo 1 (A8), por dois alunos do Grupo 2 (A9 e A10) e por um aluno do Grupo 3

(A2). Acrescenta-se, inclusive, que este aspecto esteve na origem da recusa de Apoio Tutorial por parte de um aluno (A2), sendo também referido como um dos aspectos que condicionou a continuidade no Apoio Tutorial por outros dois alunos (A9 e A10).

A importância de o “Apoio Tutorial incluir actividades e momentos mais lúdicos e de descontração, não relacionadas com a escola nem com os problemas dos alunos” é referido por um aluno do Grupo 1 (A8) e por dois alunos do Grupo 2 (A7 e A10). Por outro lado, um aluno do Grupo 2 (A3) referiu a necessidade de “o Apoio Tutorial dar apoio em situações pessoais”, o que mais uma vez remete, quer para a possibilidade de o conceito e objectivos do Apoio Tutorial não estar a ser devidamente apreendido pelos alunos, quer para a necessidade de realização de uma avaliação mais rigorosa dos objectivos e necessidades dos alunos, por forma, a serem devidamente encaminhados para a modalidade de apoio que melhor se adequa.

Um aluno do Grupo 2 (A3) salienta a necessidade do “encaminhamento atempado para Apoio Tutorial”, constituindo-se o seu oposto como um obstáculo uma vez que “poderá já não ser possível a recuperação escolar”. Este aspecto configura-se como bastante pertinente e relevante uma vez que esteve na base de uma das situações de abandono do Apoio Tutorial.

Um aluno do Grupo 2 (A9) considera ainda “o tempo das sessões de Apoio Tutorial (45 minutos) insuficiente” e um outro aluno também do Grupo 2 (A10) considera que o facto de “os alunos não terem faltas, nem nota, condiciona a assiduidade”, podendo constituir-se como um obstáculo ao sucesso do Apoio Tutorial.

No que se refere a estratégias para lidar com obstáculos ao sucesso do Apoio Tutorial, antecipados pelos alunos, verificou-se que apenas dois alunos do Grupo 1 (A5 e A6) e dois alunos do Grupo 2 (A7 e A10) foram capazes de as identificar. Dois alunos do Grupo 2 (A5 e A6) e um dos alunos do Grupo 1 (A6) referiram que face à falta de vontade de irem à tutoria ou à preferência por realizar outras actividades tentariam “focar-se nos benefícios da tutoria”. Um aluno do Grupo 1 (A5) relativamente à possibilidade de o Apoio Tutorial não proporcionar os resultados escolares desejados “focar-se-ia na possibilidade de os resultados escolares ainda poderem vir a melhorar” e um outro aluno do Grupo 1 (A6) face a demonstrações de desinteresse por parte do tutor relativamente ao aluno e ao Apoio Tutorial refere que “tentaria conversar com o tutor, esperando assim, que este alterasse a sua atitude”.

## CONCLUSÕES

Como referido anteriormente, o presente estudo surgiu, em parte, devido ao vazio encontrado quer na legislação, quer na investigação científica relativamente aos programas de tutoria escolar de âmbito nacional, o que se traduz na ausência de linhas de acção orientadoras para a implementação eficaz deste tipo de programas. No entanto, surgiu também da experiência da investigadora num projecto de apoio tutorial específico, no qual se tem verificado dificuldades de fidelização dos alunos ao Apoio tutorial verificando-se contudo, que quando o frequentam com regularidade este assume elevada importância para os alunos, assumindo-se como um contributo importante para o sucesso escolar, bem-estar e prevenção do abandono escolar.

Assim, o estudo surgiu com a pretensão de responder às seguintes questões de investigação:

- 1) Na perspectiva dos alunos quais os factores que influenciam a adesão e permanência dos alunos no apoio tutorial?
- 2) Na perspectiva dos alunos quais os factores que influenciam o sucesso/insucesso do apoio tutorial?
- 3) Na perspectiva dos alunos quais são os efeitos do apoio tutorial na mudança das suas atitudes (em relação a aspectos escolares, de relação, etc.)?

No que se refere à primeira questão de investigação, relativa aos **factores que os alunos consideram influenciar a adesão e permanência no Apoio Tutorial**, os resultados obtidos apontam no sentido de existirem factores que interferem na adesão inicial ao Apoio Tutorial, podendo levar a que os alunos recusem o apoio sem realizarem qualquer sessão, e factores que interferem na permanência dos alunos no Apoio Tutorial, ou seja, que o continuem a frequentar com assiduidade até ao seu término.

Na adesão inicial dos alunos parecem interferir factores relacionados com a organização e funcionamento do Apoio Tutorial, nomeadamente, a compatibilidade entre o horário do Apoio e as actividades curriculares e extracurriculares dos alunos, assim como, a percepção inicial relativamente ao que é e como funciona o Apoio Tutorial.



Ainda no que se refere à adesão inicial dos alunos ao Apoio Tutorial aparenta existir também interferência de factores intrínsecos aos alunos, nomeadamente, a medida em que consideram estarem a enfrentar algumas dificuldades na sua aprendizagem, necessitarem de apoio para ultrapassar essas dificuldades, ou pelo contrário, considerarem que as conseguem ultrapassar por si próprios.

Estudos realizados no âmbito das teorias da motivação e auto-regulação da aprendizagem tem revelado que alunos que acreditam e confiam nas suas capacidades para obterem resultados positivos em determinadas actividades ou áreas, nomeadamente, na área académica, isto é, com crenças de auto-eficácia elevadas, tendem a ser mais auto-regulados nas suas aprendizagens, ou seja, a serem metacognitivamente, motivacionalmente e comportamentalmente activos no seu próprio processo de aprendizagem. Nesta perspectiva estes alunos tendem a ser mais orientados por objectivos, seleccionando as estratégias mais adequadas à prossecução desses objectivos, nomeadamente, reconhecendo e procurando ajuda quando confrontados com dificuldades. Pelo contrário, alunos com baixas crenças de auto-eficácia, tendem a considerar que não conseguem alcançar resultados positivos, mesmo que esforçando-se para tal, apresentando ausência de objectivos ou objectivos mais vagos e indefinidos, apresentando menor tendência para procurar e aderir a estratégias que lhes permitam alcançar objectivos (Zimmerman, 1990; Zimmerman, Bandura & Martinez-Pons, 1992).

No entanto, também existem evidências de que alguns alunos podem apresentar crenças de auto-eficácia elevadas, contudo sobrestimadas, mesmo que confrontados com baixos resultados, sendo que nestas situações tendem a ser menos receptivos à procura de ajuda e a atribuir as dificuldades a factores externos a si, sobre os quais consideram não ter controlo (Williams & Takako, 2011).

No que se refere à permanência dos alunos no Apoio Tutorial, após o seu início, o factor que aparenta assumir maior importância no que se refere à organização e funcionamento do Apoio Tutorial é a sua congruência, aqui entendida na medida em que corresponde às expectativas e necessidades dos alunos, sendo que, quando tal não acontece, os alunos apresentam tendência para o abandonar. Este aspecto remete para a importância, por um lado, da distinção entre o Apoio Tutorial e outras modalidades de apoio (ex. Apoio Pedagógico Acrescido, Apoio Psicológico ou Psicoterapêutico,

etc.) devendo o aluno ser encaminhado para o que melhor responde às suas necessidades e, por outro lado, de existir uma clarificação dos objectivos do Apoio Tutorial juntos dos alunos, por forma a evitar-se que este não corresponda às suas expectativas e/ou necessidades. Salienta-se que a satisfação dos alunos com o Apoio Tutorial aparenta depender, em grande parte, na medida em que percebem que este consegue responder às suas necessidades e expectativas.

Face aos resultados obtidos, a permanência dos alunos no Apoio Tutorial, aparenta também encontrar-se associada a características do próprio aluno, nomeadamente, à sua motivação e orientação para atingirem melhores resultados escolares, assim como, à responsabilidade que consideram ter nesses mesmos resultados e no sucesso do Apoio Tutorial.

Como referido anteriormente, alunos auto-regulados tendem a apresentar uma maior orientação para os objectivos e resultados, nomeadamente, para obterem melhores resultados escolares. Por outro lado, tendem também a considerar que possuem controlo sobre os resultados obtidos (locus de controlo interno), sendo estes dependentes do seu esforço e empenho (padrão de atribuição de causalidade interno), por oposição a alunos menos auto-regulados, que tendem a considerar que os seus resultados dependem de factores exteriores a si (ex. da sorte, do professor, etc.), sobre os quais não tem qualquer controlo, não dependendo assim, do seu esforço e empenho - locus de controlo e padrão de atribuição de causalidade externos (Zimmerman, 1990; Zimmerman, Bandura & Martinez-Pons, 1992).

Por fim, ainda no que se refere à permanência dos alunos no apoio tutorial, verificou-se ainda a influência de aspectos da relação tutor-aluno, parecendo estes, constituírem-se como os factores que apresentam maior relação com a satisfação dos alunos relativamente ao Apoio Tutorial e a permanência no mesmo, inclusive, na sua continuidade no ano lectivo seguinte. A qualidade da relação tutor-aluno aparenta ainda ser de extrema importância, uma vez que, foram encontrados alguns indícios de que esta poderá modificar aspectos que condicionam negativamente a adesão e permanência dos alunos no Apoio Tutorial, como por exemplo, expectativas inicialmente negativas (que será aborrecido, inútil, etc.) ou experiências de Apoio Tutorial anteriores negativas.

No que se refere à relação tutor-aluno a simpatia, interesse e disponibilidade dos tutores, assim como, a existência de uma relação empática e de confiança, surgem como aspectos essenciais, resultados estes concordantes com diversos estudos já realizados neste campo (Arnaiz & Isús, 1998; Campos, 1994; DuBois, Holloway, Valentine & Cooper 2002; DuBois, Portillo, Rhodes, Silverthorn & Valentine, 2011; Manzano & Pérez, 1997; Rhodes, 2005; Slicker & Palmer, 1993; Veiga Simão & Flores, 2008; Wood & Mayo-Wilson, 2012).

No que se refere à segunda questão de investigação, relativa aos **factores que os alunos consideram influenciar o sucesso/insucesso do Apoio Tutorial** verificou-se alguma sobreposição com os factores anteriormente referidos relativamente ao factores que influenciam a adesão e permanência dos alunos ao Apoio Tutorial, pelo que estes também poderão ser agrupados em 3 categorias: factores relacionados com os próprios alunos, factores relacionados com os tutores e a relação tutor-aluno e factores relacionados com a organização e funcionamento do projecto de apoio tutorial.

Relativamente aos factores relacionados com os alunos verifica-se que os factores por estes identificados (interesse pela escola e pelos resultados escolares, sentirem dificuldades e querem ser ajudados, considerarem que não conseguem ultrapassar as suas dificuldades sozinhos, frequentarem o AT voluntariamente, resistir a realizar outras actividades mais prazerosas em detrimento do AT, acreditarem na possibilidade de conseguirem melhorar os resultados escolares) apoiam as hipóteses anteriormente avançadas, no âmbito das teorias de motivação e auto-regulação da aprendizagem anteriormente referidas.

Ou seja, por um lado, estes resultados apoiam a hipótese de que alunos mais auto-regulados, com maior motivação escolar, crenças elevadas de auto-eficácia, locus de controlo interno e com maior tendência para padrões de atribuição de causalidade interna tenderão mais facilmente a aderir e permanecer no Apoio Tutorial. Por outro lado, realçam a importância de se ter em consideração estas características e a pertinência de estas serem promovidas no âmbito do próprio Apoio Tutorial, nas situações de adesão e, eventualmente, exteriormente a este nas situações de recusa.

Relativamente aos factores que remetem para os tutores e para a relação tutor-aluno a maioria dos alunos identificam como factores fundamentais o interesse, disponibilidade e empatia (compreensão do aluno e das suas dificuldades) por parte do tutor, reforçando os resultados anteriormente referidos relativamente à sua influência na adesão e permanência no Apoio Tutorial, assim como, a sua importância para o sucesso do Apoio Tutorial.

Por fim, ao nível da organização e funcionamento do Apoio Tutorial os alunos identificaram como principal factor de sucesso/insucesso a harmonização do horário do Apoio Tutorial com as suas outras actividades. Alguns alunos referiram também a importância de o Apoio Tutorial não se centrar exclusivamente nos aspectos escolares e um aluno referiu ainda a necessidade de ser realizado um encaminhamento atempado para o Apoio Tutorial. Apesar de este último aspecto ter sido referido apenas por um aluno considera-se de extrema importância, não só por ter estado na origem do abandono do Apoio Tutorial na situação deste aluno, mas também, porque aparenta ter condicionado a satisfação de vários alunos relativamente ao Apoio Tutorial, uma vez que, a sua curta duração, numa fase já avançada do ano lectivo condicionou os resultados obtidos.

No que se refere à última questão de investigação, relativa às **mudanças que os alunos percebem que ocorreram decorrentes do Apoio Tutorial**, todos os alunos referiram terem melhorado os resultados escolares, embora, alguns alunos não tenham conseguido atingir os resultados que pretendiam, em parte, devido ao facto anteriormente referido de o Apoio Tutorial apenas ter sido iniciado numa fase já avançada do ano lectivo.

Cerca de metade dos alunos referiram ainda ter melhorado na organização e métodos de estudo e três alunos em aspectos pessoais, nomeadamente na auto-confiança e na estabilidade emocional. Relativamente a este aspecto refere-se que quase todos os alunos foram encaminhados para o Apoio Tutorial por apresentarem dificuldades na organização e métodos de estudo, sendo igualmente referidas dificuldades pessoais e/ou familiares.

Assim, o Apoio Tutorial aparenta ser relativamente eficaz no que se refere à promoção da organização e métodos de estudo, contudo, em algumas situações verificaram-se indícios de indiferenciação entre o Apoio Tutorial e o Apoio

Pedagógico Acrescido por parte dos alunos, surgindo como hipótese provável que alguns considerem terem apenas trabalhado conteúdos curriculares específicos quando se pretendia promover a organização e a aquisição e desenvolvimento de métodos de estudo. Estes resultados remetem novamente para a necessidade de existir uma clara distinção entre os objectivos do Apoio Tutorial e do Apoio Pedagógico acrescido, assim como, de os alunos serem informados relativamente aos objectivos das actividades que realizam no Apoio Tutorial.

No que se refere ao apoio e promoção de aspectos pessoais e/ou familiares o Apoio Tutorial revelou algum potencial, contudo, não se revelou tão eficaz, uma vez que apenas foram referidas mudanças na auto-confiança e na estabilidade emocional por três alunos. Considera-se no entanto, que tais resultados poderão mais uma vez derivar da curta duração do processo de Apoio Tutorial, insuficiente para a produção de alterações significativas nesta área. Por outro lado, no presente estudo, à semelhança de resultados obtidos em outros estudos (DuBois, Holloway, Valentine & Cooper, 2002; DuBois, Portillo, Rhodes, Silverthorn & Valentine, 2011) verificaram-se indícios de que o Apoio Tutorial apenas é eficaz perante dificuldades pessoais e/ou familiares moderadas. Perante dificuldades mais complexas, os alunos tenderão a abandonar o Apoio Tutorial, por este não responder às suas necessidades, sendo nestas situações recomendável o seu encaminhamento para apoio especializado.

Relativamente à definição de objectivos e projectos apenas um aluno referiu resultados nesta área, sendo contudo, também, o único aluno que referiu ter abordado este aspecto no Apoio Tutorial. Assim, o Apoio Tutorial também aparenta ter algum potencial nesta área, não sendo no entanto um aspecto frequentemente abordado.

Refere-se ainda que todos os alunos avaliaram o Apoio Tutorial como útil, incluindo os alunos que o abandonaram, sendo que o abandono aparenta decorrer apenas de este não corresponder às suas necessidades e não de não o considerarem útil.

Por fim, importa realçar que os resultados e mudanças referidas resultam da percepção dos alunos, pelo que, neste estudo, não se pode inferir relativamente a mudanças e resultados reais.

Na figura 2, apresenta-se uma representação esquemática e sintetizadora dos principais resultados do presente estudo.

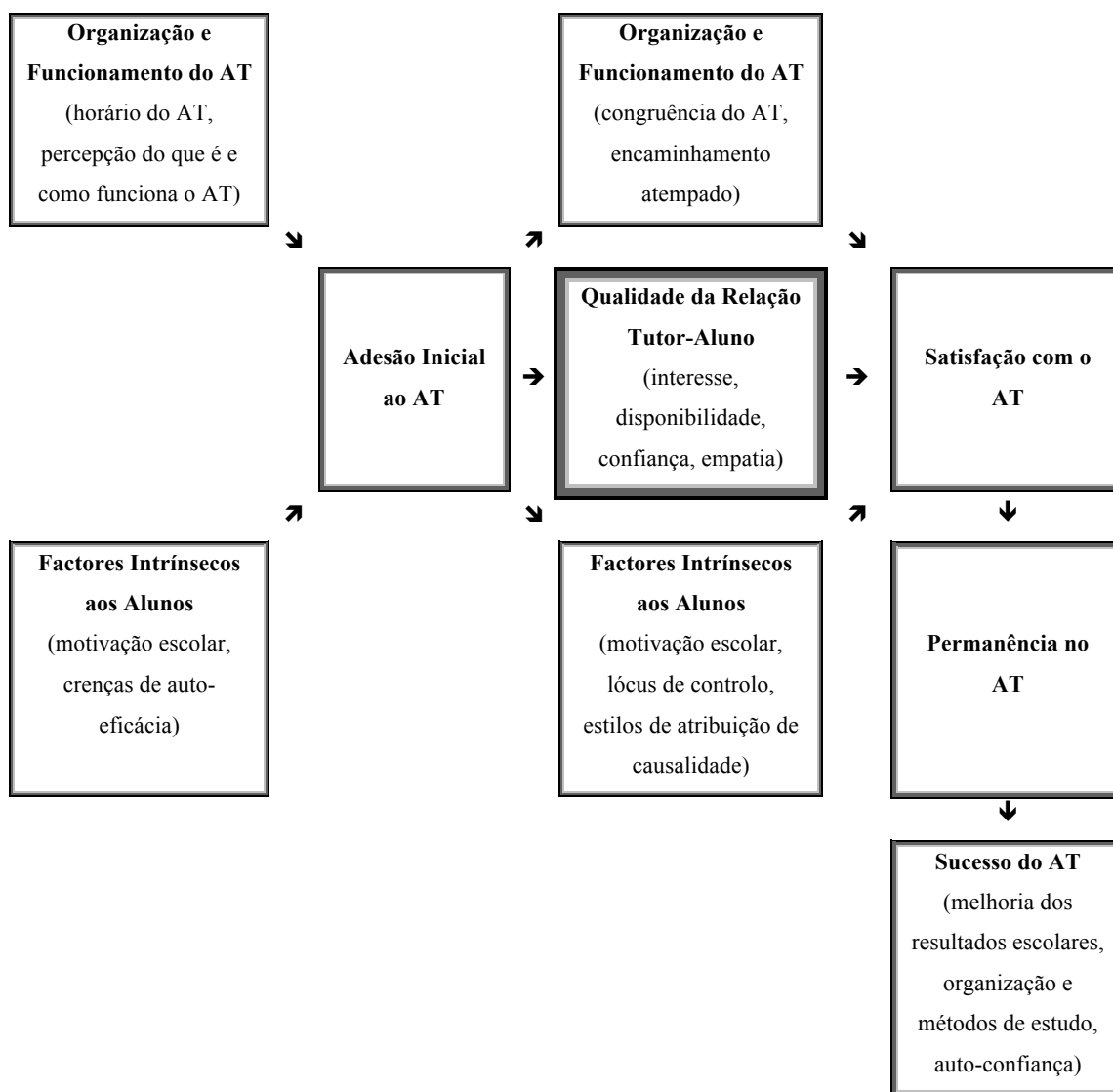


Figura 2 – Síntese Esquemática dos Resultados do Estudo

### ***Limitações do Estudo e Propostas de Investigação Futura***

Por fim, importa ainda apresentar algumas considerações relativamente a aspectos que se considera terem limitado o presente estudo.

A principal limitação decorreu do facto de a maioria dos processos de Apoio Tutorial terem sido iniciados apenas no decurso do 2º período, portanto numa fase já bastante avançada do ano lectivo. Esta questão, por um lado, obrigou a que os

diferentes momentos de entrevista tivessem um curto espaço de tempo entre si, agravado pelos períodos de interrupção lectiva, o que condicionou a detecção de alterações significativas que se supunha ocorrerem entre entrevistas. Por outro lado, o próprio processo de Apoio Tutorial na sua totalidade acabou por ter uma duração bastante curta, o que, de forma análoga, também terá condicionado as mudanças e resultados que se pretendiam e, eventualmente, se poderiam alcançar com o processo de Apoio Tutorial.

Outras limitações que importa referir prendem-se com o facto de poder ter ocorrido alguma influência de factores de desejabilidade social, apesar das garantias de confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos e da ênfase colocada na importância do estudo e da sinceridade dos alunos perante as questões colocadas para a fiabilidade dos resultados. Assim como, o facto de os jovens entrevistados apresentarem algumas dificuldades ao nível da reflexão sobre os factores influentes no processo de Apoio Tutorial e na sua aprendizagem. Facto este que, por sua vez, legitima a proposta de Apoio Tutorial, revelando a necessidade de promoção da auto-reflexão destes alunos, nomeadamente, no que respeita aos factores influentes na sua aprendizagem.

Salienta-se também que os dados foram recolhidos exclusivamente através da percepção dos alunos e, em algumas situações, através da análise documental do projecto, não tendo sido recolhidas informações através de outras fontes, nomeadamente tutores, professores, encarregados de educação, nem realizada qualquer análise quantitativa e comparativa que permita avaliar a correspondência entre a percepção dos alunos e a ocorrência de mudanças efectivamente reais, nomeadamente, no que se refere aos resultados do Apoio Tutorial.

Decorrente da metodologia de investigação adoptada, embora adequada aos objectivos definidos, convém lembrar que os resultados não são passíveis de generalização a outros sujeitos, nem a outros contextos. Embora se considere que poderão ser um contributo importante, devendo ser alvo de reflexão, na concepção, desenvolvimento e implementação deste tipo de programas.

Face a estas limitações e aos resultados obtidos no presente estudo considera-se que seria pertinente e relevante a realização de investigações futuras: a) contemplando outros intervenientes e outras fontes de informação do processo de

Apoio Tutorial (tutores, encarregados de educação, directores de turma, direcção da escola, etc.); b) ao longo de processos de Apoio Tutorial de maior duração, por exemplo, de um ciclo de estudos; c) com um maior número de participantes; d) com participantes de vários programas diferentes de tutoria; e) de avaliação quantitativa e comparativa dos resultados do Apoio Tutorial; f) de exploração e aprofundamento da eventual relação entre características de alunos auto-regulados nas suas aprendizagens e a adesão, permanência e sucesso do Apoio Tutorial.

Recordando que a presente investigação antecipava poder vir a contribuir para a melhoria da eficácia do Projecto de Apoio Tutorial em estudo, nomeadamente, no que se referia a directrizes de organização, funcionamento e práticas do Projecto de Apoio Tutorial e à formação dos tutores, concluir-se-á este trabalho com a apresentação de algumas sugestões decorrentes dos resultados encontrados.

### ***Contributos para o Projecto de Apoio Tutorial***

O estudo realizado permitiu identificar alguns aspectos que se espera poderem contribuir para a melhoria da eficácia do Projecto de Apoio Tutorial. Assim, em seguida, apresentar-se-ão algumas considerações e recomendações ao nível da organização e funcionamento do projecto, assim como, algumas sugestões relativas ao apoio continuado e formação dos tutores.

Um dos aspectos que surgiu como bastante importante na adesão dos alunos ao AT refere-se ao horário em que este decorrerá, tendo sobressaído a necessidade de se ter em consideração não só o horário escolar dos alunos mas também a realização de outras actividades. Face a esta situação sugere-se que o horário do AT não seja definido nem apresentado ao aluno antes do seu início, sendo antes combinado directamente entre o aluno e o tutor no decurso da primeira sessão de Apoio Tutorial.

No que se refere à proposta de alunos para Apoio Tutorial, os resultados do estudo realçaram a importância de se realizar uma análise criteriosa das dificuldades e necessidades do aluno, diferenciando o Apoio Tutorial de outros tipos de apoio, nomeadamente, do Apoio Pedagógico Acrescido e do Apoio Psicológico ou Psicoterapêutico. Em relação a este aspecto convém ainda ter em consideração que o Apoio Tutorial aparentemente é adequado na resposta a dificuldades pessoais,



familiares e de aprendizagem moderadas, sendo contudo, contraproducente em situações de maior gravidade e complexidade.

Por outro lado, os resultados também realçaram a necessidade de existir uma clara explicitação, junto do aluno, dos objectivos do Apoio Tutorial, não só quando lhe é apresentada a proposta, mas também, no decurso do próprio processo de Apoio Tutorial. Assim, sugere-se que além da elaboração do Plano de Apoio Tutorial, conjuntamente com o aluno, na fase inicial do processo, no início e no final de cada sessão seja realizada uma síntese do que se pretende realizar e do que foi realizado, respectivamente, realçando-se o objectivo de cada uma das actividades.

Perante alunos que mostrem alguma relutância na aceitação da proposta de Apoio Tutorial poderá fazer sentido que se insista ligeiramente para que o aluno aceda a realizar pelo menos uma sessão experimental, uma vez que os resultados do estudo revelaram que alguns alunos alteraram as suas expectativas inicialmente negativas (que seria aborrecido, inútil, uma perda de tempo) após iniciarem o Apoio Tutorial.

No que se refere à necessidade de existir encaminhamento atempado para o Apoio Tutorial, por forma a permitir recuperações mais significativas de desempenho escolar e evitar a desmotivação dos alunos por considerarem já não ser possível a recuperação, sugere-se que as sinalizações para Apoio Tutorial sejam realizadas no final do ano lectivo e iniciadas no ano lectivo seguinte, evitando-se assim a necessidade da detecção das dificuldades do aluno por novos professores.

Os resultados deste estudo permitiram ainda colocar a hipótese que alunos auto-regulados nas suas aprendizagens, mais concretamente, alunos que acreditam conseguir alcançar resultados positivos (crenças de auto-eficácia elevadas), tendencialmente consideram que possuem controlo sobre os resultados que obtêm (lócus de controlo interno), considerando que estes dependem maioritariamente do seu esforço e empenho (padrão de atribuição de causalidade interno), apresentam maior tendência para aderirem, permanecerem e recolherem maiores benefícios do Apoio Tutorial. Contudo, paradoxalmente, alunos menos auto-regulados serão provavelmente os que mais necessitam deste tipo de apoio. Esta constatação realça a necessidade de se pensar em formas que promovam a adesão destes alunos ao apoio tutorial.

Por fim, no que se refere ao apoio e formação dos tutores considera-se que poderiam ser úteis a realização de workshops direccionados para estratégias promotoras do desenvolvimento de relações empáticas e de confiança, assim como, para competências e estratégias de auto-regulação da aprendizagem. Tal considera-se pertinente não só pela aparente influência na adesão e permanência dos alunos no Apoio Tutorial, mas também, por se considerar que o Apoio Tutorial se poderá constituir como um espaço privilegiado para a promoção destas competências nos alunos, contribuindo assim, para a formação de alunos mais autónomos e auto-regulados nas suas aprendizagens e, conseqüentemente, mais adaptados às mutações constantes com que nos confrontamos no mundo actual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arnaiz, P. (1999). La/s entrevista/s. In P. Arnaiz & J. Riart (orgs). *La tutoría: De la reflexión a la práctica* (pp. 147-158). Barcelona: EUB, S.L.
- Arnaiz, P. & Isús, S. (1998). *La tutoría, organización e tareas* (4ª edição). Barcelona: Editorial Graó.
- Baudrit, A. (2009a). A tutoria em diferentes domínios: Situação actual e possíveis pistas a explorar. In A.M. Veiga Simão, A.P. Caetano & I. Freire (Orgs). *Tutoria e mediação em educação* (pp. 11-22). Lisboa: Educa.
- Baudrit A. (2009b). *A tutoria: Riqueza de um método pedagógico* (2ª edição). Porto: Porto Editora.
- Bernet, J.T., Cuxart, M.P., Garcia, X.M., Rovira, J.M.P. & Serrano, L.R. (2003). *Tutoría: Técnicas, recursos y actividades*. Madrid: Alianza Editorial.
- Campos, M.A.O. (1994) *La tutoria en secundaria obligatoria y bachillerato*. Badajoz: Fuhem Editorial Popular.
- Decreto-Lei nº 75/2008 de 22 de Abril. *Diário da República, nº79 – I Série*. Ministério da Educação.
- Decreto-Lei nº 115A/98 de 4 de Maio. *Diário da República, nº102 – I Série*. Ministério da Educação.
- Decreto Regulamentar nº10/99 de 21 de Julho. *Diário da República, nº168 – I Série*. Ministério da Educação.
- Despacho nº 178-A/ME/93 de 30 de Julho. *Diário da República, nº177 – I Série*. Ministério da Educação.
- Despacho Normativo nº 50/2005 de 9 de Novembro. *Diário da República, nº215 – I Série*. Ministério da Educação.
- DuBois, D.L., Holloway, B.E., Valentine, J.C. & Cooper, H. (2002). Effectiveness of mentoring programs for youth: A meta-analytic review. *American Journal Of Community Psychology*, 30(2), 157-197.
- DuBois, D.L., Portillo, N., Rhodes, J.E., Silverthorn, N. & Valentine, J.C. (2011). How effective are mentoring programs for youth? A systematic assessment of the evidence. *Psychological Science*, 12(2), 57-91.

- Fernandes, S.R.G. (2010). *Aprendizagem baseada em projectos no contexto do ensino superior: Avaliação de um dispositivo pedagógico no ensino de engenharia*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação, Especialidade de Desenvolvimento Curricular, Instituto de Educação - Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Fernández, P. (1988). El tutor y los alumnos. In M.A.O. Campos, M. Sánchez, P. Fernández & A.R. Novillo (orgs). *Tutorias: Qué son, qué hacen, como funcionan* (2ª edição) (pp. 67-89) Madrid: Editorial S.A.
- Gonçalves, I. & Lucas, A. (2011). O tutor no programa de monitorização e tutorado. In I. Gonçalves (Org). *Programa de monitorização e tutorado: Oito anos a promover a integração e o sucesso académico no instituto superior técnico* (pp. 119-129). Lisboa: IST Press.
- Isidro, B.J.G., Pérez, F.X.S., Sánchez, J.M.S. & Sánchez, S.S. (1997). *La Tutoría en los centros de educación secundaria: Manual del professor tutor*. Madrid: Editorial Escuela Española.
- Lei nº51/2012, de 5 de Setembro. *Diário da República, nº172 – I Série*. Assembleia da República.
- Lima, F. & Regateiro, A. (2011). O impacto do programa de tutorado sobre o rendimento académico dos estudantes do IST. In I. Gonçalves (Org). *Programa de monitorização e tutorado: Oito anos a promover a integração e o sucesso académico no instituto superior técnico* (pp. 201-205). Lisboa: IST Press.
- Lucas, A. (2011). O tutorado em números do ano lectivo 2002/2003 até ao ano lectivo 210/2011. In I. Gonçalves (Org). *Programa de monitorização e tutorado: Oito anos a promover a integração e o sucesso académico no instituto superior técnico* (pp. 169-191). Lisboa: IST Press.
- Manzano, J.L.G. & Pérez, E.M.G. (1997). *La acción tutorial en la enseñanza no universitaria*. Madrid: CEPE, S.L.
- Mundina, J.B., Pombo, N.C. & Ruiz, E.R. (2007). *Dimensión convergente de la tutoría en la universidad: Tutoría entre iguales*. Comunicação apresentada nas V Jornadas de Investigación en Docencia Universitaria, Universidade de Alicante. Consultado em Setembro de 2013 em <http://www.eduonline.ua.es/jornadas2007/comunicaciones/2G3.pdf>

- Navarro, J.M.P. (Relat) (2004). Eu não desisto: Plano nacional de prevenção do abandono escolar. Lisboa: Ministério da Educação e Ministério da Segurança Social e do Trabalho.
- Randolph, K.A. & Johnson, J.L. (2008). School-based mentoring programs: A review of the research. *Children & Schools*, 30(3), 177-185.
- Rhodes, J.E. (2005). A model of youth mentoring. In D.L. Dubois & M.J. Karcher (Eds). *Handbook of youth mentoring* (pp. 30-43). California: Sage Publications, Inc.
- Sánchez, M. (1988). El tutor y su funcion. In M.A.O. Campos, M. Sánchez, P. Fernández & A.R. Novillo (orgs). *Tutorias: Qué son, qué hacen, como funcionan* (2ª edição) (pp. 49-65). Madrid: Editorial S.A.
- Semião, F.M.R.C. (2009). *Tutoria: Uma forma flexível de ensino e aprendizagem*. Dissertação de Mestrado em Supervisão Pedagógica, especialidade de Línguas. Departamento de Ciências da Educação – Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Portugal. Consultada em Janeiro de 2013 em <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/457/1/DissertMestradoFilomenaSemiao.pdf>
- Simões, F. & Alarcão, M. (2011). A eficácia da mentoria escolar na promoção do desenvolvimento socioemocional e instrumental de jovens. *Educação e Pesquisa*, 37(2), 339 - 354.
- Simões, F. & Alarcão, M. (2012). *Does school mentoring enhance school grades: Results of an experimental study*. In Conference proceedings of the international conference: The future of education. Florença.
- Slicker, E.K. & Palmer, D.J. (1993). Mentoring at-risk high school students: Evaluation of a school-based program. *School Counselor*, 40(5), 327-334.
- Veiga Simão, A.M. & Flores, M.A. (2008). *Experiências de tutoria: Problemas e desafios*. Consultado em Dezembro de 2012 em <http://www.eduonline.ua.es/jornadas2008/comunicaciones/2D2.pdf>

- Veiga Simão, A.M., Flores, M.A., Fernandes, S. & Figueira, C. (2008). Tutoria no ensino superior: Concepções e práticas. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 07, 75-88. Consultado em Dezembro de 2012 em <http://sisifo.fpce.ul.pt>
- Williams, J.D. & Takaku, S. (2011). Help seeking, self-efficacy, and writing performance among college students. *Journal of Writing Research*, 3(1), 1-18.
- Wood, S. & Mayo-Wilson, E. (2012). School-based mentoring for adolescents: A systematic review and meta-analysis. *Research On Social Work Practice*, 22(3), 257-269.
- Zimmerman, B.J. (1990). Self regulated learning and academic achievement: An overview. *Educational Psychologist*, 25(1), 3-17.
- Zimmerman, B.J., Bandura, A. & Martinez-Pons, M. (1992). Self-motivation for academic attainment: The role of self-efficacy beliefs and personal goal setting. *American Educational Research Journal*, 29(3), 663-676.

# **ANEXOS**

## ANEXO I - GUIÃO DA ENTREVISTA INICIAL

**Entrevistados:** Alunos Tutorados (1º momento – Entrevista inicial).

**Tema:** A percepção dos alunos sobre o apoio tutorial.

**Objectivos Gerais:** Recolher informação sobre as expectativas e a motivação inicial dos alunos relativamente ao Apoio Tutorial, a percepção inicial do tutor, experiências anteriores de Apoio Tutorial, assim como, factores de sucesso e de insucesso do Apoio Tutorial antecipados pelos alunos.

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	TÓPICOS/QUESTÕES
BLOCO A Legitimação da Entrevista	Estabelecer a relação	T: Realizar uma interacção inicial de quebra-gelo
	Legitimar a entrevista	T: Informar o entrevistado das linhas gerais da entrevista e da investigação T: Assegurar o carácter anónimo e confidencial das informações recolhidas T: Informar que a participação é voluntária e solicitar permissão para gravação da entrevista
	Motivar os Participantes	T: Informar o entrevistado da importância da sua participação
BLOCO B Experiências anteriores de Apoio Tutorial	Recolher informação sobre experiências anteriores em projectos de apoio tutorial	Q: Questionar o entrevistado sobre a sua participação e experiência anterior em projectos de apoio tutorial



<p>BLOCO C</p> <p>Percepção e motivação iniciais para o Apoio Tutorial</p>	<p>Recolher informação sobre o encaminhamento do aluno para o apoio tutorial</p>	<p>Q: Questionar quem sugeriu o apoio tutorial</p> <p>Q: Questionar as razões apresentadas para essa sugestão</p> <p>Q: Questionar a informação cedida relativamente ao que é e como funciona o apoio tutorial</p>
	<p>Recolher informação sobre a motivação do aluno para o apoio tutorial</p>	<p>Q: Questionar o entrevistado sobre a sua opinião relativamente à sugestão inicial do apoio tutorial</p>
<p>BLOCO D</p> <p>Percepção e avaliação iniciais das sessões de Apoio Tutorial e do Tutor</p>	<p>Recolher informação sobre as práticas de tutoria</p>	<p>Q: Questionar o entrevistado sobre o que fez nas sessões iniciais do apoio tutorial</p>
	<p>Recolher informação sobre a satisfação do aluno relativamente às sessões iniciais de apoio tutorial</p>	<p>Q: Questionar o entrevistado sobre a sua satisfação relativamente às sessões iniciais de apoio tutorial</p>
	<p>Recolher informação sobre a percepção inicial do aluno relativamente ao tutor</p>	<p>Q: Questionar o entrevistado sobre se já conhecia o tutor</p> <p>T: Solicitar uma descrição/caracterização (adjectivos) do tutor</p> <p>Q: Questionar o entrevistado relativamente à importância das características do tutor para o sucesso/insucesso do apoio tutorial</p>
<p>BLOCO E</p> <p>Expectativas relativas ao Apoio Tutorial</p>	<p>Recolher informação sobre as expectativas do aluno relativamente aos resultados do apoio tutorial</p>	<p>Q: Questionar o entrevistado sobre o que espera do apoio tutorial e no que é que espera que este o ajude</p>
	<p>Recolher informação sobre as expectativas do aluno relativamente às práticas da tutoria</p>	<p>Q: Questionar o entrevistado sobre o que gostaria/espera fazer no apoio tutorial</p>
<p>BLOCO F</p> <p>Factores de sucesso e de insucesso do Apoio Tutorial</p>	<p>Recolher informação sobre a percepção do aluno relativamente aos factores que interferem no sucesso/insucesso do apoio tutorial e estratégias para lidar com os factores de insucesso (obstáculos)</p>	<p>Q: Questionar o entrevistado sobre o que considera essencial para que o apoio tutorial corra bem ou seja bem sucedido</p> <p>Q: Questionar o entrevistado sobre o que é que considera que poderá fazer com que os alunos desistam ou recusem o apoio tutorial</p> <p>Q: Questionar o entrevistado sobre como lidaria com esses aspectos/obstáculos</p>

BLOCO G Finalização da Entrevista	Dar oportunidade ao entrevistado de acrescentar alguma outra informação que lhe pareça relevante	Q: Questionar o entrevistado sobre se há mais algum aspecto que queira acrescentar ao que disse
	Finalizar a entrevista e agradecer a colaboração	T: Fazer uma pequena síntese das principais ideias recolhidas e agradecer a colaboração

Obs. Os blocos D e E apenas serão colocados apenas aos alunos que tenham realizado pelo menos uma sessão de apoio tutorial.

## ANEXO II - GUIÃO DA ENTREVISTA INTERMÉDIA

**Entrevistados:** Alunos Tutorados (2º momento – Entrevista intermédia).

**Tema:** A percepção dos alunos sobre o apoio tutorial.

**Objectivos Gerais:** Recolher informação sobre a experiência de Apoio Tutorial até ao momento, alterações na percepção dos alunos, expectativas e motivação relativamente à sua continuidade, assim como, a percepção dos alunos relativamente à relação tutor-aluno.

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	TÓPICOS/QUESTÕES
BLOCO A Legitimação da Entrevista	Estabelecer a relação	T: Realizar uma interacção inicial de quebra-gelo
	Legitimar a entrevista	T: Informar o entrevistado das linhas gerais da entrevista e da investigação T: Assegurar o carácter anónimo e confidencial das informações recolhidas T: Recordar que a participação é voluntária e solicitar permissão para gravação da entrevista
	Motivar os participantes	T: Recordar ao entrevistado da importância da sua participação

<p>BLOCO B</p> <p>Percepção e avaliação das sessões e resultados do Apoio Tutorial e da relação tutor-aluno</p>	Recolher informação sobre as práticas e envolvimento do aluno no apoio tutorial	Q: Questionar o entrevistado sobre o que foi realizado nas sessões de tutoria Q: Questionar sobre a regularidade das sessões e a assiduidade do entrevistado
	Recolher informação sobre a satisfação do aluno relativamente às sessões de apoio tutorial	P: Questionar o entrevistado sobre a sua satisfação relativamente às sessões de apoio tutorial
		Q: Questionar se o apoio tutorial tem correspondido ao que esperava inicialmente
	Recolher informação sobre os resultados percebidos pelo aluno	Q: Questionar no que é que o apoio tutorial o ajudou e que mudanças é que ocorreram
<p>BLOCO C</p> <p>Motivação e Expectativas relativas à continuação do Apoio Tutorial</p>	Recolher informação sobre a percepção do aluno relativamente à relação tutor-aluno	T: Solicitar a descrição/caracterização (adjectivos) da sua relação com o tutor Q: Questionar a importância das características da relação tutor-aluno para o sucesso/insucesso do apoio tutorial Q: Questionar sobre contactos com o tutor fora do horário da tutoria
<p>BLOCO D</p> <p>Finalização da Entrevista</p>	Dar oportunidade ao entrevistado de acrescentar alguma outra informação que lhe pareça relevante	Q: Questionar se há mais algum aspecto que queira acrescentar ao que disse
	Finalizar a entrevista e agradecer a colaboração	T: Fazer uma pequena síntese das principais ideias recolhidas e agradecer a colaboração

Obs. Relativamente aos alunos que tenham entretanto desistido do Apoio Tutorial apenas serão abordados os Blocos, Tópicos e Questões pertinentes, adicionando-se uma questão relativa ao que motivou a desistência.

### ANEXO III - GUIÃO DA ENTREVISTA FINAL

**Entrevistados:** Alunos Tutorados (3º momento – Entrevista final)

**Tema:** A percepção dos alunos sobre o apoio tutorial

**Objectivos Gerais:** Recolher informação sobre a experiência de Apoio Tutorial na sua totalidade, as mudanças/resultados percepcionados pelos alunos, alterações na percepção dos alunos relativamente a este tipo de apoio, ao tutor e à relação tutor-aluno, assim como, factores de sucesso e de insucesso do Apoio Tutorial identificados pelos alunos.

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	TÓPICOS/QUESTÕES
BLOCO A Legitimação da Entrevista	Estabelecer a relação	T: Realizar uma interacção inicial de quebra-gelo
	Legitimar a Entrevista	T: Informar o entrevistado as linhas gerais da entrevista e da investigação T: Assegurar o carácter anónimo e confidencial das informações recolhidas T: Recordar que a participação é voluntária e solicitar permissão para gravação da entrevista
	Motivar os participantes	T: Recordar ao entrevistado a importância da sua participação

<p>BLOCO B</p> <p>Percepção e avaliação das sessões e resultados do Apoio Tutorial, do tutor e da relação tutor-aluno</p>	Recolher informação sobre as práticas e envolvimento do aluno no apoio tutorial	<p>Q: Questionar o entrevistado sobre o que foi realizado nas sessões de tutoria</p> <p>Q: Questionar sobre a regularidade das sessões e a assiduidade do entrevistado</p>
	Recolher informação sobre a satisfação do aluno relativamente às sessões de apoio tutorial	Q: Questionar o entrevistado sobre a sua satisfação relativamente às sessões de apoio tutorial
		Q: Questionar se o apoio tutorial tem correspondido ao que esperava inicialmente
	Recolher informação sobre os resultados percebidos pelo aluno	<p>Q: Questionar no que é que o apoio tutorial o ajudou e que mudanças é que ocorreram</p> <p>Q: Solicitar o exemplo de uma mudança concreta que tenha ocorrido e que o entrevistado atribua ao apoio tutorial</p>
	Recolher informação sobre a percepção do aluno relativamente ao tutor e à relação tutor-aluno	<p>T: Solicitar uma descrição/caracterização (adjectivos) do tutor</p> <p>T: Solicitar a descrição/caracterização (adjectivos) da sua relação com o tutor</p> <p>Q: Questionar a importância das características do tutor e da relação tutor-aluno para o sucesso/insucesso do apoio tutorial</p> <p>Q: Questionar sobre contactos com o tutor fora do horário da tutoria</p>
<p>BLOCO C</p> <p>Motivação e expectativas relativas à continuação do AT</p>	Recolher informação sobre as expectativas do aluno relativamente às práticas e resultados do apoio tutorial	<p>Q: Questionar o entrevistado relativamente à continuidade do apoio tutorial (e do tutor) no ano lectivo seguinte</p> <p>Q: Questionar no que considera que o apoio tutorial ainda o poderia ajudar</p>
<p>BLOCO D</p> <p>Factores de sucesso e de insucesso do Apoio Tutorial</p>	Recolher informação sobre a percepção do aluno relativamente aos factores que interferem no sucesso/insucesso do apoio tutorial e estratégias para lidar com os factores de insucesso (obstáculos)	<p>Q: Questionar o entrevistado sobre o que considera essencial para que o apoio tutorial corra bem ou seja bem sucedido</p> <p>Q: Questionar o entrevistado sobre o que é que considera que poderá fazer com que os alunos desistam ou recusem o apoio tutorial</p> <p>Q: Questionar o entrevistado sobre como lidaria com esses aspectos/obstáculos</p>

BLOCO E Percepção global do aluno sobre o Apoio Tutorial	Recolher informação sobre a percepção do aluno relativamente à sua experiência de apoio tutorial	Q: Questionar o entrevistado sobre o que diria a um colega que no ano lectivo seguinte fosse proposto para apoio tutorial
BLOCO F Finalização da Entrevista	Dar oportunidade ao entrevistado de acrescentar alguma outra informação que lhe pareça relevante	Q: Questionar se há mais algum aspecto que queira acrescentar ao que disse
	Finalizar a entrevista e agradecer a colaboração	T: Fazer uma pequena síntese das principais ideias recolhidas e agradecer a colaboração

Obs. Relativamente aos alunos que tenham entretanto desistido do Apoio Tutorial apenas serão abordados os Blocos, Tópicos e Questões pertinentes, adicionando-se uma questão relativa ao que motivou a desistência.

## ANEXO IV – QUADRO COMPARATIVO DAS ENTREVISTAS

	1ª Entrevista	2ª Entrevista	3ª Entrevista
BLOCO A	Legitimação da entrevista (Estabelecer a relação, legitimar a entrevista, motivar os participantes)	Manteve-se	Manteve-se
BLOCO B	Experiências anteriores de apoio tutorial (Recolher informação sobre experiências anteriores de apoio tutorial)	Não incluído	Não incluído
BLOCO C	Percepção e motivação iniciais para o apoio tutorial (Recolher informação sobre o encaminhamento do aluno para o apoio tutorial e sobre a sua motivação para este)	Não incluído	Não incluído
BLOCO D	Percepção e avaliação iniciais das sessões de apoio tutorial e do tutor (Recolher informação sobre as práticas de tutoria e sobre a percepção/satisfação inicial do aluno relativamente às sessões iniciais e ao tutor)	Manteve-se as questões relativas às práticas de tutoria e percepção/satisfação com o AT. Substitui-se a percepção do tutor pela percepção da relação tutor-aluno e foram introduzidas questões sobre assiduidade, alterações na percepção do AT e resultados/mudanças decorrentes do AT.*	Incluíram-se os itens da 1ª e 2ª entrevista.



	1ª Entrevista	2ª Entrevista	3ª Entrevista
BLOCO E	Expectativas relativas ao Apoio Tutorial (Recolher informação sobre as expectativas do aluno, relativamente às praticas, objectivos e metas do apoio tutorial)	Eliminou-se a questão relativa às expectativas face às praticas. Substituiu-se a expectativa face aos objectivos e metas pela percepção de necessidade de continuação do AT.	Eliminou-se a questão relativa às expectativas face às praticas. Substituiu-se a expectativa face aos objectivos e metas pela percepção de necessidade de continuação do AT no ano lectivo seguinte.
BLOCO F	Factores de sucesso e insucesso no AT (Recolher informação sobre a percepção do aluno relativamente aos factores que interferem na adesão, permanência e sucesso/insucesso do AT, assim como, das estratégias que possibilitem lidar com eventuais factores de insucesso)	Não incluído – Excepto para os alunos que abandonaram o AT, com os quais se recolheu informação relativa aos motivos do abandono (Factores de Insucesso do AT)	Incluíram-se os itens da 1ª entrevista.
BLOCO G	Não incluído	Não incluído	Foi acrescentado um bloco no qual se pretendeu recolher informação sobre a percepção do aluno relativamente à sua experiência no AT, questionando-o sobre o que diria a um colega que fosse iniciar o AT.
BLOCO H	Finalização da Entrevista (Dar oportunidade ao entrevistado de acrescentar alguma informação que considere relevante, finalizar a entrevista e agradecer a colaboração)	Manteve-se	Manteve-se

\*Obs. Alguns dos itens introduzidos (alterações na percepção do Apoio Tutorial e resultados do Apoio Tutorial), embora não estando previsto, surgiram na 1ª entrevista.

## ANEXO V – ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS: CATEGORIZAÇÃO

Categorias	Subcategorias	Descrição	1ª Entrevista	2ª Entrevista	3ª Entrevista
A) Motivos de referenciação para o AT	Organização e métodos de estudo	Referências a gestão do tempo, organização de materiais, apoio na realização de trabalhos e métodos de estudo	A2; A3; A4; A7; A8; A9; A10	Não incluído	Não incluído
	Melhoria dos resultados escolares	Referências a ter melhores resultados escolares, no geral ou em disciplinas específicas	A1; A3; A4; A5; A6; A8	Não incluído	Não incluído
	Definição de objectivos e projectos	Referências à definição de objectivos e projectos escolares/profissionais	A10	Não incluído	Não incluído
	Dificuldades pessoais e/ou familiares	Referências a aspectos pessoais (auto-confiança, motivação) de relacionamento interpessoal e/ou familiares	A7	Não incluído	Não incluído
B) Reacção do aluno à sugestão de AT	Aceitação do AT	Referências a que o AT poderá ajudar e ser uma experiência positiva	A1; A3; A5; A6; A7; A9	Não incluído	Não incluído
	Recusa do AT	Recusa do AT e referência a que o AT poderá ser inútil e uma experiência negativa	A2; A4; A8; A10	Não incluído	Não incluído
C) Actividades desenvolvidas no AT	Actividades de organização e métodos de estudo	Referências a actividades de gestão do tempo, organização de materiais, apoio na realização de trabalhos e métodos de estudo	A3; A7; A8; A9; A10	A8; A9	A8; A9
	Actividades de compensação educativa	Referências a explicações sobre conteúdos curriculares específicos	A1; A3; A5; A6; A9	A1; A5; A6; A9	A1; A5; A6; A9
	Definição de objectivos e projectos	Referências à definição de objectivos e projectos escolares/profissionais	A10	A10	-
	Abordagem de vivências pessoais e/ou familiares	Referências à abordagem de vivências pessoais, de relacionamento interpessoal e/ou familiares	A7; A10	A7; A10	-
D) Resultados do AT	Alterações na Organização e métodos de estudo	Referências a alterações na gestão do tempo, organização e métodos de estudo	A3; A10	A7; A8; A9	A8; A9;
	Alterações nos resultados escolares	Referências alterações nos resultados escolares, no geral ou em disciplinas específicas	A3; A6; A7	A1; A5; A6; A8; A9	A1; A5; A6; A8; A9
	Alterações em objectivos e projectos	Referências a alterações em objectivos e projectos escolares/profissionais	A10	A10	-
	Alterações em aspectos pessoais	Referências a aspectos pessoais (auto-confiança, motivação) de relacionamento interpessoal e/ou familiares	A10	A10	A1; A6

E) Alterações na Percepção do AT	Superior às expectativas		Referências indicadoras de que o AT está a superar as suas expectativas	A8; A10	A8	A8
	Inferior às expectativas		Referências indicadoras de que o AT não está a corresponder às suas expectativas	A3	-	A9
	Correspondência com as expectativas		Referências indicadoras de que o AT está a corresponder às suas expectativas	Não incluído	A5; A6; A9; A7	A1; A5; A6
F) Satisfação com AT	Satisfação com AT		Referências à utilidade ou agrado com o AT	A1; A3; A5; A6; A7; A8; A9; A10	A1; A5; A6; A8; A9; A10	A1; A5; A6; A8; A9
	Insatisfação com AT		Referências à inutilidade ou desagrado com o AT	A3; A7; A9; A10	A6; A9	A5; A6; A9
G) Caracterização do Tutor	Características facilitadoras da relação	Sabe ouvir	Referências ao facto de o tutor saber ouvir os alunos	A7	Não incluído	-
		Simpático	Referências à simpatia do tutor	A1; A5; A6; A8; A9; A10	Não incluído	A1; A5; A6; A8; A9
		Boa relação	Referências ao facto de o tutor ter facilidade em estabelecer relações positivas com os alunos	A6; A8; A10	Não incluído	A6; A8;
		Interessado/ disponível	Referências ao facto de o tutor demonstrar interesse e disponibilidade para os alunos	A1; A3; A5; A6; A7; A9	Não incluído	A1; A3; A5; A6
		Paciente/ compreensivo	Referências ao facto de o tutor ser paciente e demonstrar compreensão perante as dificuldades dos alunos	A6	Não incluído	A6
		Alegre/ Brincalhão	Referências ao facto de o tutor ser uma pessoa alegre e que frequentemente brica com os alunos	A1; A8	Não incluído	A1; A8
	Características facilitadoras da prossecução dos objectivos dos alunos	Cultura elevada	Referências ao facto de o tutor ser uma pessoa culta, com muitos conhecimentos diversificados, podendo assim ajudar os alunos em várias áreas	A9	Não incluído	-
		Sabe explicar	Referências ao facto de o tutor explicar bem, facilitando a compreensão por parte dos alunos	A5	Não incluído	A5
		Sabe motivar	Referências ao facto de o tutor conseguir motivar os alunos para o AT e/ou para a realização das tarefas escolares e para a escolaridade no geral	A3; A8; A10	Não incluído	A8
	Características inibidoras da relação	Desinteressado	Referências ao facto de o tutor não demonstrar interesse pelo AT e/ou pelo aluno	A3	Não incluído	
		Reservado	Referências ao facto de o tutor ser reservado, condicionando o desenvolvimento de relações íntimas	-	Não incluído	A9
		Pouco Compreensivo	Referências ao facto de o tutor revelar incompreensão das dificuldades e necessidades do aluno	A3	Não incluído	-

H) Resultados pretendidos no AT	Alterações na Organização e métodos de estudo	Referências a alterações na gestão do tempo, organização e métodos de estudo	A2; A8; A9; A10	Não incluído	Não incluído
	Alterações nos resultados escolares	Referências alterações nos resultados escolares, no geral ou em disciplinas específicas	A1; A2; A5; A6; A7; A8; A9	Não incluído	Não incluído
	Alterações em objectivos e projectos	Referências a alterações em objectivos e projectos escolares/profissionais	A3; A9; A10	Não incluído	Não incluído
	Alterações em aspectos pessoais	Referências a alterações em aspectos pessoais (auto-confiança, motivação) de relacionamento interpessoal e/ou familiares	A3; A7	Não incluído	Não incluído
I) Actividades que gostariam de realizar no AT	Actividades de organização e métodos de estudo	Referências a actividades de gestão do tempo, organização de materiais, apoio na realização de trabalhos e métodos de estudo	A7; A8; A10	Não incluído	Não incluído
	Actividades de compensação educativa	Referências a explicações sobre conteúdos curriculares específicos	A1; A2; A5; A6; A9	Não incluído	Não incluído
	Definição de objectivos e projectos	Referências à definição de objectivos e projectos escolares/profissionais	A3; A10	Não incluído	Não incluído
	Abordagem de vivências pessoais e/ou familiares	Referências à abordagem de vivências pessoais, de relacionamento interpessoal e/ou familiares	A3; A8; A10	Não incluído	Não incluído
J) Factores de sucesso do AT	Intrínsecos aos alunos	Referências a factores intrínsecos aos alunos	A3; A4; A5; A6; A7; A8; A10	Não incluído	A1; A5; A6; A8
	Característicos dos Tutores	Referência a factores característicos dos tutores	A3; A4; A10	Não incluído	A6; A8; A9
	Organização e funcionamento do AT	Referências à organização, actividades e resultados do AT	A2; A3; A7; A10	Não incluído	A8; A9
	Relação tutor-aluno	Referências a factores que remetem para a relação entre o tutor e o aluno	A8; A9	Não incluído	A9
K) Factores de insucesso do AT	Intrínsecos aos alunos	Referências a factores intrínsecos aos alunos	A4; A5; A9; A10	Não incluído	A5; A8
	Característicos dos Tutores	Referência a factores característicos dos tutores	A10	Não incluído	-
	Organização e funcionamento do AT	Referências à organização, actividades e resultados do AT	A2; A3; A10	Não incluído	-
	Relação tutor-aluno	Referências a factores que remetem para a relação entre o tutor e o aluno	-	Não incluído	-
L) Estratégias para lidar com factores de insucesso	Atingir as metas	Referências a estratégias quer permitam ultrapassar obstáculos impeditivos de os alunos atingirem as metas que estabeleceram para o AT	A5; A6; A7; A10	Não incluído	A6
	Melhorar a relação	Referências a estratégias que permitam melhorar a relação tutor-aluno, no caso de esta se constituir como um obstáculo	-	Não incluído	A6

M) Caracterização da relação tutor-aluno	Relação de ajuda	Referências ao facto de o tutor ajudar o aluno	Não incluído	A1; A5; A6; A7; A8; A10	A1; A5; A6; A8
	Relação de preocupação/cuidado	Referências ao facto de o tutor demonstrar preocupação pelo aluno e pelas suas necessidades	Não incluído	A1	A1
	Relação empática	Referências ao facto de o tutor compreender o aluno, as suas dificuldades e necessidades	Não incluído	A8	A8
	Relação lúdica	Referências ao facto de o tutor ser brincalhão e brincarem nas sessões ou as sessões serem divertidas	Não incluído	A8	A8
	Relação profissional/distante	Referências ao facto de não existir intimidade nem à vontade entre o tutor e o aluno	Não incluído	A9	A9
N) Confiança da relação tutor-aluno	Relação com confiança	Referências a ter confiança para procurar o tutor fora do horário do AT	Não incluído	A1; A6; A7; A8; A10	A1; A6; A8
	Relação sem confiança	Referências a não ter confiança para procurar o tutor fora do horário do AT	Não incluído	A9	A9
	Não sabe	Referências a não saber se teria ou não confiança para procurar o tutor fora do horário do AT	Não incluído	A5	A5
O) Necessidade de continuação de AT	Organização e métodos de estudo	Referências a gestão do tempo, organização de materiais, apoio na realização de trabalhos e métodos de estudo	Não incluído	A8; A9; A10	A8
	Melhoria dos resultados escolares	Referências a ter melhores resultados escolares, no geral ou em disciplinas específicas	Não incluído	A1; A5; A6	A1; A5; A9
	Definição de objectivos e projectos	Referências à definição de objectivos e projectos escolares/profissionais	Não incluído	-	-
	Dificuldades pessoais e/ou familiares	Referências a aspectos pessoais (auto-confiança, motivação) de relacionamento interpessoal e/ou familiares	Não incluído	-	-
	Sem necessidade de continuação	Referências a não ser necessária a continuação do AT	Não incluído	-	-
	Indecisão	Referências de indecisão relativamente à necessidade de continuação do AT	Não incluído	A7	A5; A9
P) Continuação do Tutor	Continuidade com o mesmo tutor	Referências a preferir continuar com o mesmo tutor, no ano lectivo seguinte	Não incluído	Não incluído	A1; A5; A6; A8
	Mudança de tutor	Referências a preferir mudar de tutor, no ano lectivo seguinte	Não incluído	Não incluído	A9
Q) Comentários a futuros alunos de AT	Satisfação com o AT	Referências à utilidade ou agrado com o AT	Não incluído	Não incluído	A1; A5; A6; A8; A9
	Insatisfação com o AT	Referências à inutilidade ou desagrado com o AT	Não incluído	Não incluído	-